



*Balanço Anual*  
**2023**  
*e Perspectivas*



**FIEMG**

O futuro se faz juntos

<i>PALAVRA DO PRESIDENTE</i> .....	1
<i>CENÁRIO INTERNACIONAL</i> .....	2
<i>CENÁRIO MACROECONÔMICO NACIONAL</i> .....	7
<i>MERCADO DE TRABALHO</i> .....	11
<i>BALANÇA COMERCIAL</i> .....	12
<i>PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)</i> .....	14
<i>COMÉRCIO E SERVIÇOS</i> .....	17
<i>PRODUÇÃO INDUSTRIAL</i> .....	18
<i>CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO</i> .....	19
<i>AUTOMOTIVO</i> .....	20
<i>CONSTRUÇÃO CIVIL</i> .....	21
<i>EXTRATIVO</i> .....	22
<i>MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS</i> .....	23
<i>METALURGIA</i> .....	24
<i>PAPEL E CELULOSE</i> .....	25
<i>TÊXTIL</i> .....	26
<i>PERSPECTIVAS</i> .....	27
<i>ANEXO ESPECIAL</i> .....	28



## PALAVRA DO PRESIDENTE

## A rota para uma sociedade próspera, justa e sustentável exige o contínuo fortalecimento da indústria.

Os últimos anos têm sido uma verdadeira montanha-russa, repletos de desafios que incluem pandemia, aumento do preço das matérias-primas, inflação, elevação das taxas de juros e ruídos políticos. Embora a maioria desses fatores deva persistir nos próximos anos, novos desafios surgem à medida que as mudanças climáticas e seus impactos no planeta se tornam ainda mais perceptíveis, impondo ainda mais complexidade ao setor produtivo, especialmente à indústria.

Diante desse cenário desafiador, a indústria tem demonstrado sua notável resiliência e habilidade inovadora. As empresas do setor têm se destacado na capacidade de se reinventar, sendo cruciais na oferta de bens essenciais para a vida e a segurança. Além disso, desempenham um papel fundamental como geradoras de oportunidades de emprego e renda.

Um relatório da ONU mostrou que o fortalecimento da indústria contribui de maneira direta e indireta para 14 dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)\*. Assim, torna-se evidente que a indústria desempenha um papel primordial no combate à pobreza, na preservação do meio ambiente e do clima e na promoção da paz e da prosperidade. Portanto, mais do que nunca, a indústria é portadora de futuro.

O ano de 2023, novamente, foi marcado por diversas revisões positivas para o desempenho da economia brasileira. Inicialmente, previa-se um crescimento de 0,5% para o Brasil, mas atualmente está claro que o país experimentará um aumento em torno de 3%. O mercado de trabalho demonstra seu dinamismo, alcançando e sustentando a menor taxa de desemprego desde 2014. A inflação segue em trajetória de desaceleração, possibilitando, ainda que de forma tardia, o início da redução da taxa de juros pelo Banco Central.

Esse avanço no desempenho econômico foi, em grande medida, impulsionado pelo setor industrial, que revelou resiliência e capacidade de adaptação às condições econômicas recentes. Vale ressaltar que Minas Gerais tem apresentado indicadores superiores à média brasileira — nos últimos dois anos, o PIB do estado registrou um crescimento 9,3% superior à média nacional, e a indústria mineira expandiu-se 37,3% além da média nacional do setor, contribuindo significativamente para a melhoria dos indicadores econômicos do Brasil.

É certo que os próximos anos apresentarão desafios significativos, demandando a implementação de ações inovadoras nos âmbitos socioeconômico e ambiental. Torna-se ainda mais evidente que a verdadeira trilha para uma sociedade próspera, justa e sustentável está intrinsecamente ligada ao fortalecimento da indústria. Diante disso, é imperativo avançar no processo de modernização do país, por meio de reformas estruturantes que busquem aprimorar o ambiente de negócios, impulsionar a produtividade e fortalecer a competitividade da indústria e da economia brasileira.

\* Documento produzido pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO), agência especializada da ONU.

## Resiliência e desafios: o lento caminho da recuperação econômica global no pós-pandemia

A retomada da economia mundial prossegue de maneira gradativa, superando os significativos impactos de eventos ocorridos nos últimos anos, como a pandemia e a invasão da Ucrânia pela Rússia. Diante dos substanciais desafios enfrentados pelos países, notadamente em meio ao aperto monetário sem precedentes realizado pelas principais autoridades monetárias como resposta ao contexto inflacionário global, a economia tem exibido uma notável resiliência. Contudo, a recuperação persiste em um ritmo lento e desigual.

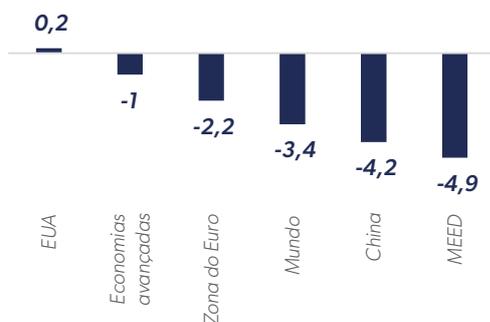
Diversos fatores têm atuado como obstáculos para uma plena recuperação. Alguns deles ainda refletem os impactos de acontecimentos recentes, como a pandemia e o conflito no Leste Europeu, enquanto outros são de natureza cíclica, como os efeitos do forte aperto monetário e de eventos climáticos extremos. O cerne da questão é que, apesar dos sinais de resiliência observados ao longo de 2023, a atividade econômica ainda não retornou aos patamares anteriores à pandemia, especialmente nos mercados emergentes e nas economias em desenvolvimento.

Segundo projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), a produção global deve permanecer 3,4% abaixo dos níveis pré-pandêmicos em 2023. Destaca-se que os Estados Unidos serão a única economia entre as nações desenvolvidas a superar esse patamar, enquanto a Área do Euro enfrentará uma queda de 2,2% no Produto Interno Bruto (PIB) em comparação com os registros anteriores à pandemia. De forma geral, as economias avançadas enfrentarão uma defasagem de aproximadamente 4,3% no PIB em relação ao período anterior à pandemia.

No âmbito das economias emergentes e em desenvolvimento, as recuperações mostram-se mais modestas, com os resultados do PIB seguindo, em média, 4,9% abaixo dos níveis pré-Covid. A China, como principal economia emergente, apresentará uma redução de cerca de 4,2% em seu PIB em 2023, comparado aos patamares anteriores à pandemia.

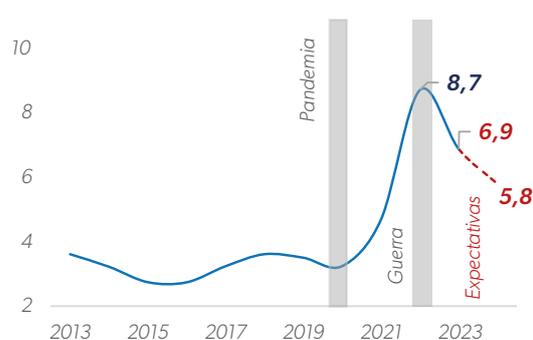
Em termos gerais, a atividade global atingiu seu ponto mais baixo em janeiro de 2021 e, desde então, vem demonstrando uma recuperação gradual. No entanto, uma retomada completa em direção aos níveis pré-pandemia parece cada vez mais difícil. Conforme projeções do FMI, o crescimento econômico global deverá desacelerar de 3%, em 2023, para 2,9% em 2024. Embora um crescimento de 2,9% pareça razoavelmente positivo, considerando os desafios enfrentados, esse valor permanece consideravelmente abaixo da sua média histórica, indicando que os níveis anteriores à pandemia ainda estarão distantes de serem alcançados.

**PERDA DE PIB REAL**  
(desvio % do PIB de 2023 em relação ao nível pré-pandemia)



\* MEED = mercados emergentes e economias em desenvolvimento

**INFLAÇÃO MUNDIAL**  
(var. média anual % do Índice de Preços ao Consumidor)



Fontes: Fundo Monetário Internacional (FMI), Bloomberg e LCA Consultores.

Apesar do cenário global desafiador, observa-se um desdobramento positivo: a inflação mundial está em constante desaceleração, diminuindo de 8,7%, em 2022, para 6,9% em 2023. As projeções do FMI indicam que, em 2024, a inflação deverá situar-se em torno de 5,8%. Esse panorama positivo consolida a perspectiva de uma “aterrissagem suave”, caracterizada pela redução da inflação sem uma significativa desaceleração da atividade econômica.

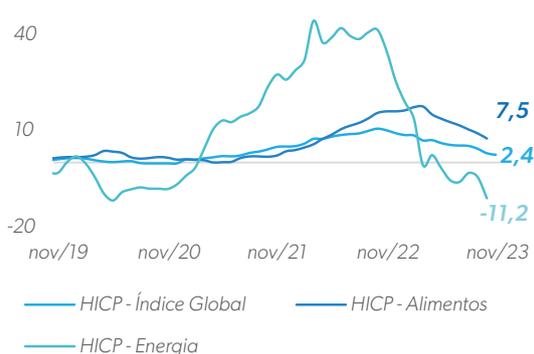
Em linhas gerais, o prognóstico para a atividade econômica global em 2023 é moldado por três fatores primordiais que tendem a persistir e influenciar o desempenho futuro: inflação, política monetária e conflitos geopolíticos. Adicionalmente, é crucial que se considerem os elementos domésticos nas principais economias, notadamente, Zona do Euro, Estados Unidos e China, países e regiões que desempenham um papel decisivo na dinâmica econômica mundial.

## Zona do Euro

Após um período de inflação elevada, causada tanto pela pandemia quanto pelo impacto significativo nos preços de energia desencadeado pelo conflito no Leste Europeu, a inflação na Zona do Euro apresenta evidentes sinais de declínio. Dois fatores fundamentais explicam esse processo de desinflação. O primeiro está relacionado ao aperto monetário, com o Banco Central Europeu (BCE) elevando as taxas de juros para os níveis mais altos das últimas décadas. O segundo fator refere-se à queda nos preços de energia e de produtos alimentares, com impacto direto nos custos para empresas e consumidores.

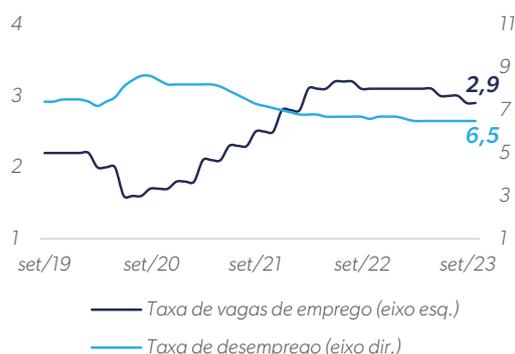
Contudo, se, por um lado, os efeitos desinflacionários observados em alguns itens, sobretudo na energia, têm proporcionado certo alívio ao setor produtivo, por outro lado, a política monetária restritiva tem impactado negativamente o desempenho da economia. Nesse contexto, vale salientar a notável resiliência do mercado de trabalho, com a relação entre vagas abertas e desemprego permanecendo em patamares elevados e a taxa de desemprego mantendo-se 0,8 p.p. (ponto percentual) abaixo do nível pré-crise.

**INFLAÇÃO NA ZONA DO EURO**  
(var. anual %)



\* HICP = Harmonised Index of Consumer Prices (Índice Harmonizado de Preços ao Consumidor).

**TAXA DE VAGAS DE EMPREGO E TAXA DE DESEMPREGO**  
(var. trimestral %)



\* A taxa de vagas de emprego é a proporção de vagas de emprego disponíveis em relação ao total de posições no mercado de trabalho.

## Estados Unidos

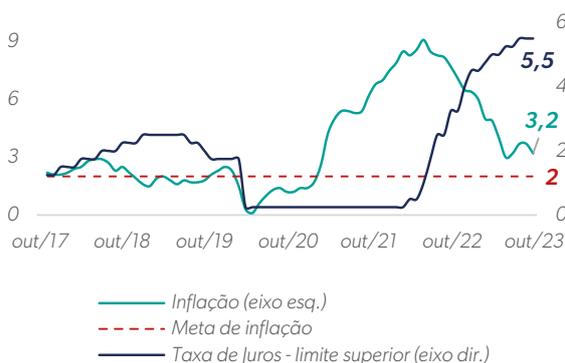
Em 2023, a inflação manteve uma trajetória de queda, favorecida principalmente pelo recuo nos preços internacionais de energia e de alimentos – impulsionado pela maior oferta global de commodities e pela normalização no preço de insumos e custos de transporte. Na comparação interanual, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI, na sigla em inglês) recuou de 7,7%, em outubro de 2022, para 3,2% em outubro de 2023.

Com o objetivo de levar a inflação para a meta, a política monetária permaneceu restritiva ao longo de 2023. Surpreendentemente, essa política monetária mais restritiva não resultou em uma redução da atividade econômica ou em um aumento expressivo do desemprego.

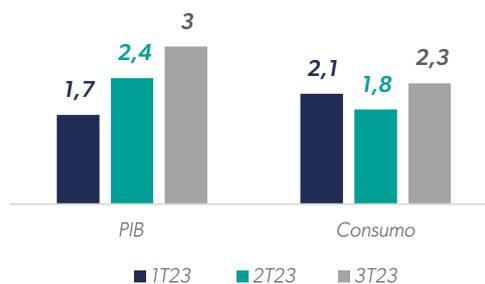
O crescimento econômico em 2023 foi impulsionado sobretudo pelo consumo. Essa expansão do consumo, especialmente de serviços, tem se sustentado pela poupança acumulada pelas famílias durante a pandemia de Covid-19, bem como pelo mercado de trabalho aquecido – com a taxa de desemprego em níveis historicamente baixos.

Vale ressaltar que, à medida que essa poupança se esgota, os efeitos das taxas de juros em patamares elevados sobre a atividade econômica deverão tornar-se mais evidentes. Entretanto, o processo de desinflação em curso contribui para a expectativa de um “pouso suave” da economia.

INFLAÇÃO E JUROS (em % a.a.)



PIB E CONSUMO (var. %)\*



\* Trimestre contra mesmo trimestre do ano anterior.

## China

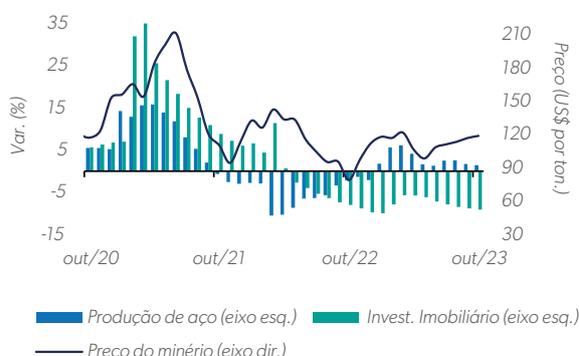
Na China, as expectativas de uma recuperação mais robusta após o fim das medidas de Covid-Zero foram frustradas, uma vez que o esperado impulso na atividade, estimulado pelo aumento do consumo interno, não se concretizou no primeiro semestre do ano.

A persistente dificuldade financeira enfrentada pelo setor imobiliário gerou impactos significativos na construção e abalou a confiança das famílias, resultando na redução dos investimentos e em uma contenção do consumo. As adversidades enfrentadas pelo setor imobiliário chinês decorreram do elevado nível de endividamento e das medidas adotadas em 2020 para reduzir a alavancagem das empresas do setor. Adicionalmente, o desempenho econômico do país foi negativamente influenciado pelo recuo nas exportações, devido ao aumento na demanda por serviços em detrimento do consumo global de bens.

Em contrapartida, a maior injeção de liquidez na economia e o aumento do consumo interno vêm estimulando a atividade econômica na segunda metade do ano.

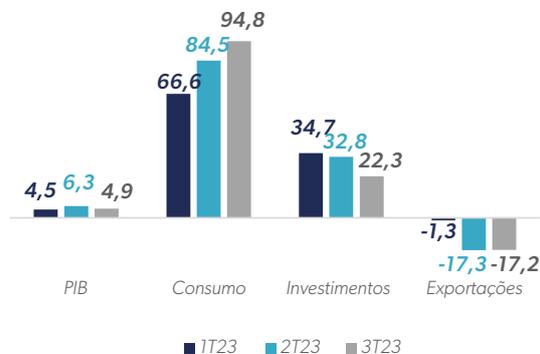
Fontes: Bloomberg e Bureau of Economic Analysis (BEA).

PRODUÇÃO DE AÇO E INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO (var. %)\* E COTAÇÃO DO MINÉRIO DE FERRO (US\$)



\* Var. % correspondente ao acumulado até outubro de cada ano, em relação ao mesmo período do ano anterior.

PIB (var. %)\* E CONTRIBUIÇÕES (em part. %)



\* Trimestre contra mesmo trimestre do ano anterior.

## Perspectivas

Para 2024, a perspectiva é de continuidade do processo de recuo da inflação, acompanhado de um crescimento ligeiramente inferior ao de 2023. Nesse contexto, é esperado que as principais autoridades monetárias iniciem o processo de redução das taxas de juros ao longo do próximo ano. Conforme as projeções do FMI, o crescimento do PIB mundial deve ser da ordem de 2,9% em 2024. É importante ressaltar os riscos que envolvem essas projeções, tendo em vista o endividamento público elevado em muitos países, os conflitos geopolíticos, os choques climáticos e a persistência dos núcleos de inflação em patamares elevados.

Nos Estados Unidos, o bom desempenho econômico e as preocupações relacionadas ao endividamento público elevado deverão continuar exercendo pressão sobre as taxas de juros de longo prazo do país. Esse cenário pode fortalecer o dólar e impactar a taxa de câmbio de mercados emergentes, como o Brasil. A corrida eleitoral para a presidência também poderá contribuir para a volatilidade nas taxas de câmbio. As projeções econômicas indicam um crescimento de 2,1%, em 2023, e de 1,5%, em 2024.

Na Área do Euro, as previsões de crescimento são mais moderadas, devido à demanda local enfraquecida e à desaceleração global. O Banco Central Europeu (BCE) deverá iniciar o ciclo de corte de juros em meados de 2024, dada a fraca atividade econômica na região. As estimativas apontam para um crescimento de 0,7% este ano e de 1,2% em 2024.

Na China, as autoridades anunciaram novos estímulos econômicos para apoiar o crescimento, incluindo a redução das taxas de juros, o estímulo ao investimento privado, a facilitação do investimento estrangeiro direto e o relaxamento das restrições para empréstimos imobiliários. No entanto, as projeções do FMI indicam um crescimento de 4,2% em 2024 (ante 5% em 2023), influenciado pela fragilidade no mercado imobiliário interno e pela demanda externa mais fraca.

Portanto, o cenário econômico global atual apresenta um delicado equilíbrio entre riscos mitigados e desafios persistentes, o que demanda uma avaliação contínua diante de um ambiente econômico dinâmico e complexo.

Fonte: Bloomberg.

## PROJEÇÕES\* – ECONOMIA MUNDIAL

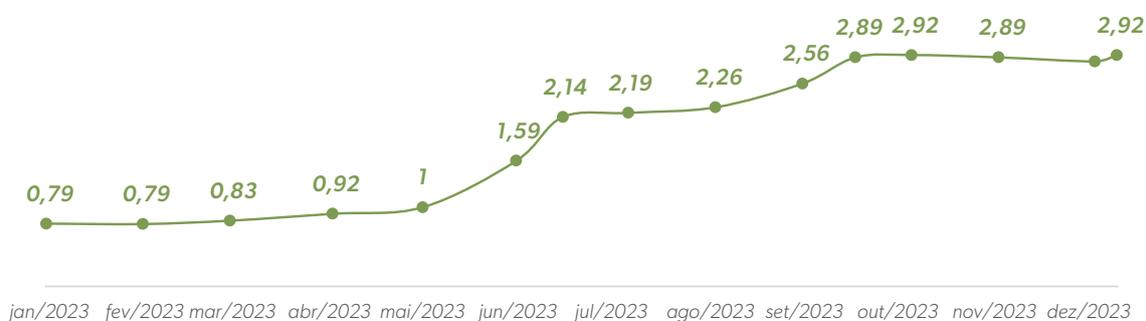
País/Região	PIB (%)		Inflação (%)	
	2023	2024	2023	2024
<b>Mundo</b>	<b>3</b>	<b>2,9</b>	<b>6,8</b>	<b>5,8</b>
<b>Economias avançadas</b>	<b>1,5</b>	<b>1,4</b>	<b>4,6</b>	<b>3</b>
Estados Unidos	2,1	1,5	4,1	2,8
Área do Euro	0,7	1,2	5,5	3,2
<b>Economias emergentes</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>8,5</b>	<b>7,8</b>
China	5	4,2	0,7	1,7

\* Projeções: Fundo Monetário Internacional (FMI).

## Continuidade do crescimento da economia e incertezas quanto ao futuro marcam o cenário macroeconômico em 2023

O ano de 2023 destacou-se pelas significativas mudanças nas perspectivas com relação ao desempenho econômico. As incertezas sobre a condução da política econômica pelo novo governo, aliadas à persistente inflação acima da meta, apontavam para um ano caracterizado por baixo crescimento e elevada inflação. Diante desse panorama, em janeiro, o Boletim Focus do Banco Central projetava um modesto aumento de 0,79% para o PIB brasileiro em 2023. Contudo, as expectativas atuais apontam para uma expansão em torno de 2,9% na economia do país.

### EXPECTATIVAS DE MERCADO PARA O CRESCIMENTO DO PIB BRASILEIRO EM 2023



Diversos fatores explicam o avanço econômico mais robusto da economia brasileira. Pelo lado da oferta, destacaram-se as performances positivas da agropecuária – influenciada pela produção recorde de grãos – e da indústria extrativa – impulsionada pelo avanço na produção de petróleo e pelo melhor desempenho operacional do segmento de mineração.

Pelo lado da demanda, fatores como as políticas de sustentação da renda, a desaceleração da inflação e a queda do desemprego contribuíram para elevar o poder de compra das famílias e, assim, o consumo interno de serviços e bens industriais. Além disso, o setor externo – para o qual se direcionou grande parte das produções da agropecuária e da indústria extrativa – também ajudou a explicar esse crescimento.

Em contrapartida, os efeitos das altas taxas de juros foram sentidos por outras atividades no ano – a exemplo da contração nos investimentos e na indústria de transformação, em um contexto de menor apetite financeiro das empresas na aquisição de bens de capital e das famílias na compra de bens duráveis, que necessitam da oferta de crédito. Ademais, um cenário de incerteza ainda permeia o futuro da economia brasileira, sobretudo quanto à condução da política fiscal e ao cumprimento das metas de controle de gastos públicos estabelecidas – fato que influencia no risco-país e no desempenho econômico.

## Desaceleração inflacionária e a política monetária

Além da evolução positiva da economia brasileira, é importante ressaltar a surpresa com a inflação, que manteve uma trajetória de desaceleração desde meados de 2022. Ao contrário do que se esperava no início do ano, as expectativas são de que a inflação encerre 2023 na meta.

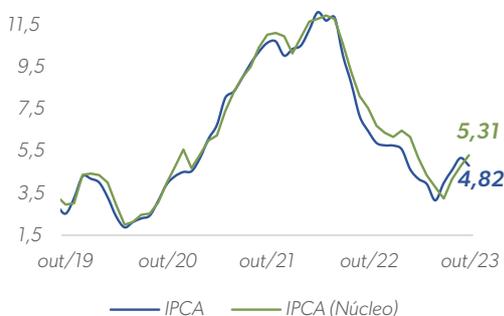
Dentre os fatores que contribuíram para a desaceleração da inflação, destacam-se a redução nos preços de itens da agropecuária e o menor crescimento nos preços da indústria. Na agropecuária, a safra recorde no Brasil influenciou a queda das cotações de grãos, o que favoreceu a descompressão de preços no segmento de alimentação e bebidas, proporcionando melhora do poder de compra das famílias. A indústria, por sua vez, mostrou desaceleração após um período de forte alta nos custos logísticos e de insumos. A normalização das cadeias globais de valor e a redução no custo dos fretes internacionais contribuíram para a descompressão nos preços dos bens industriais.

Após o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 12 meses atingir o menor percentual em junho de 2023 (3,16%), houve aceleração nos preços, e o IPCA alcançou 5,19% em setembro. Esse avanço pode ter sido influenciado por uma acomodação dos preços dos combustíveis com o término da isenção de impostos. Nesse contexto, a inflação acumulada em 2023 até outubro foi de 3,75%, contrastando com a inflação de 4,82% em 2022. O resultado do IPCA em outubro refletiu a moderação da inflação que era esperada diante da desaceleração da atividade econômica.

A redução da inflação corrente e a convergência das expectativas possibilitaram que o Banco Central iniciasse cortes na taxa básica de juros (taxa Selic). A taxa de juros começou o ano em 13,75% a.a. e permaneceu nesse patamar até o final do primeiro semestre. A partir de agosto, foram realizados quatro cortes na Selic, que chegou a 11,75% a.a. em dezembro.

No entanto, mesmo diante desses cortes, a taxa de juros segue em patamar elevado, o que, em conjunto com a recente queda no preço do petróleo e com a valorização do real, pode estar contribuindo para a desaceleração da inflação. Em contrapartida, os fenômenos climáticos recentes provocaram um aumento da demanda por energia elétrica, pressionando o custo das tarifas desse serviço. Adicionalmente, a safra de alguns produtos agrícolas pode ser afetada, seja por excesso ou escassez de chuva.

IPCA  
(var. % acum. em 12 meses)



ÍNDICE DE PREÇOS AO PRODUTOR  
AMPLO – IPA-DI INDUSTRIAL  
(var. % acum. em 12 meses)



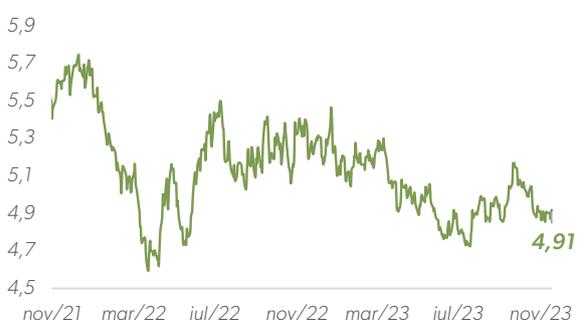
Fontes: Banco Central do Brasil (BCB) e Fundação Getúlio Vargas (FGV).

## Câmbio é influenciado pelo bom desempenho das exportações

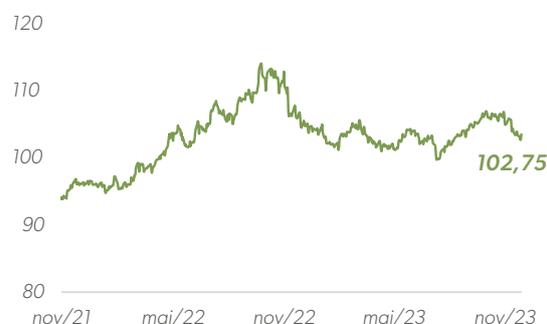
A cotação do real mostrou apreciação ao longo de 2023, fato que tem sido observado em diversas moedas de economias emergentes. A taxa de câmbio iniciou o ano em R\$/US\$ 5,46, atingindo sua menor cotação no final de julho, em R\$/US\$ 4,73. No período mais recente, alcançou R\$/US\$ 4,91.

Fatores domésticos e externos contribuíram para garantir a valorização da moeda brasileira no ano. No âmbito doméstico, destacou-se a aprovação do Novo Arcabouço Fiscal, que reduziu os prêmios de risco. Já no contexto internacional, o bom desempenho das exportações influenciou a balança comercial e o fluxo de divisas externas.

TAXA DE CÂMBIO (R\$/US\$)



ÍNDICE DÓLAR (DXY)



## Expansão fiscal, queda na arrecadação e aumento do déficit público

O ano de 2023 iniciou-se com expansão fiscal, a começar pela PEC da Transição, que elevou as despesas em aproximadamente R\$ 160 bilhões. No que se refere ao Novo Arcabouço Fiscal (que limita o aumento dos gastos), apesar da sua aprovação, permanecem incertezas quanto à existência de receitas suficientes para zerar o déficit primário em 2024. Uma dessas incertezas se refere à variação das cotações internacionais de commodities, especialmente do petróleo. De janeiro a agosto de 2023, ante o mesmo período do ano anterior, o preço médio do barril de petróleo tipo Brent caiu 22,4%, contraindo as receitas tributárias provenientes da exploração desse recurso natural.

Além disso, a receita total acumulada até setembro apresentou uma queda real de 4,5% em relação ao mesmo período de 2022, enquanto as despesas aumentaram 5,1% em termos reais. Diante disso, de janeiro a setembro, o déficit primário foi de R\$ 93,3 bilhões, em contraste com o superávit de R\$ 37,9 bilhões registrado no mesmo período do ano anterior.

A redução no resultado primário do governo central e a piora nas condições financeiras dos estados e municípios resultaram em um déficit primário de 0,6% do PIB no período de 12 meses até setembro de 2023. Essa situação contribuiu para um aumento na proporção da dívida pública líquida em relação ao PIB, que atingiu 60% em setembro, em comparação com os 57% registrados no mesmo período de 2022.

Os riscos fiscais decorrentes da possibilidade do não cumprimento das metas traçadas sobre a trajetória da dívida pública desde o início do ano levaram a um aumento da incerteza no mercado. Esse fato reduz a credibilidade da economia brasileira, alterando as expectativas de crescimento do país e comprometendo a tendência de indicadores, como prêmio de risco, câmbio e inflação.

RESULTADO PRIMÁRIO (% PIB)



DÍVIDA LÍQUIDA TOTAL (% PIB)



## Alta taxa de juros refletiu-se no setor de crédito

As altas taxas de juros implicaram a desaceleração do setor de crédito. O custo do financiamento de capital de giro das empresas aumentou, resultando em piora dos indicadores de fragilidade financeira e de inadimplência de pessoas jurídicas, sobretudo em linhas de crédito de curto prazo.

Em setembro, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) atingiu R\$ 5,6 trilhões, com uma elevação mensal de 0,8%. Esse resultado foi impulsionado por aumentos de 1,6% no saldo das operações com pessoas jurídicas, totalizando R\$ 2,2 trilhões, e de 0,3% no saldo das operações com pessoas físicas, totalizando R\$ 3,4 trilhões. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o saldo das operações de crédito do SFN aumentou 9% em agosto e 8% em setembro, mantendo a tendência de desaceleração observada desde meados de 2022.

Apesar da resiliência do mercado de trabalho e da recuperação do poder de compra, as altas taxas de juros têm comprometido a renda disponível das famílias, contribuindo para elevar a inadimplência das pessoas físicas. O aumento acumulado até setembro de 2023 foi de 18,9% em relação ao mesmo período do ano anterior.

CRÉDITO (% do PIB)



INADIMPLÊNCIA – RECURSOS LIVRES (%)



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

## Resiliência do mercado de trabalho surpreende e taxa de desemprego recua ao menor patamar desde 2014

Em 2023, o mercado de trabalho surpreendeu positivamente, a despeito das taxas de juros em patamar elevado. O desempenho acima do esperado foi acompanhado pelo avanço da ocupação formal e pela queda da taxa de desemprego que, no Brasil, alcançou 7,7% no terceiro trimestre de 2023 (3T23) – o menor nível desde o quarto trimestre de 2014 (6,6%). O resultado marcou retração de 1 p.p. ante o 3T22, explicada pela combinação entre os recuos da população desocupada e da taxa de participação na força de trabalho.

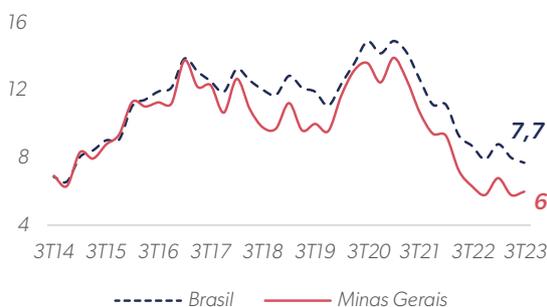
Com efeito, a dinâmica mais benigna do mercado de trabalho e da renda nos últimos meses pode estar permitindo que alguns membros de uma família se dediquem a outras atividades, como os estudos, e, portanto, optem por não procurar emprego. No 3T23, a força de trabalho marcou 108,1 milhões de pessoas, redução de 574,7 mil ante o 3T22.

A população ocupada no país, por sua vez, atingiu 99,8 milhões de pessoas no 3T23, sendo a segunda maior da série histórica, iniciada em 2012. No que diz respeito às categorias de contratação, observou-se aumento na ocupação formal (em 682 mil pessoas), enquanto a ocupação informal recuou em 111 mil pessoas no período. Ainda assim, a taxa de informalidade permaneceu elevada no Brasil – 39,1% no 3T23, ante 39,4% no 3T22.

Em Minas Gerais, o desemprego caiu para 6% no 3T23, frente a 6,3% no 3T22, e o número de desocupados recuou para 675 mil pessoas no 3T23, ante 722 mil pessoas no 3T22. A população ocupada, por sua vez, marcou 10,6 milhões de pessoas no período, redução de 74 mil pessoas frente ao 3T22 – influenciada pelos recuos na agropecuária e na construção. Em contrapartida, os setores de serviços e comércio registraram avanços. Na indústria, a população ocupada ficou estável, com 1,5 milhão de pessoas. Destacou-se, ainda, o aumento da ocupação formal (em 74 mil pessoas) frente à redução da ocupação informal (em 146 mil pessoas).

O patamar elevado das taxas de juros, mesmo após as reduções recentes, vem contribuindo para a desaceleração da atividade econômica nos últimos meses de 2023. Para 2024, as perspectivas apontam para menor dinamismo do mercado de trabalho, em meio a um menor ritmo de crescimento das economias brasileira e mundial.

TAXA DE DESEMPREGO (%)



POPULAÇÃO OCUPADA (em milhões)



Força de trabalho: pessoas em idade de trabalhar (14 anos ou mais) que estão trabalhando (população ocupada) ou procurando emprego (população desocupada). É também chamada de População Economicamente Ativa.  
 Taxa de participação na força de trabalho: percentual de pessoas na força de trabalho em relação às pessoas em idade de trabalhar.  
 Taxa de desemprego: percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas na força de trabalho.  
 Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE).

## Brasil registra recorde histórico na balança comercial

De janeiro a novembro, o Brasil registrou superávit comercial de US\$ 89,4 bilhões (bi), crescimento de 57% em relação a igual período de 2022. Nesse intervalo, as exportações cresceram 1% e atingiram US\$ 310,7 bi, enquanto as importações recuaram 11,8% e somaram US\$ 221,3 bi. Espera-se que 2023 encerre-se com um superávit recorde, próximo a US\$ 90 bi.

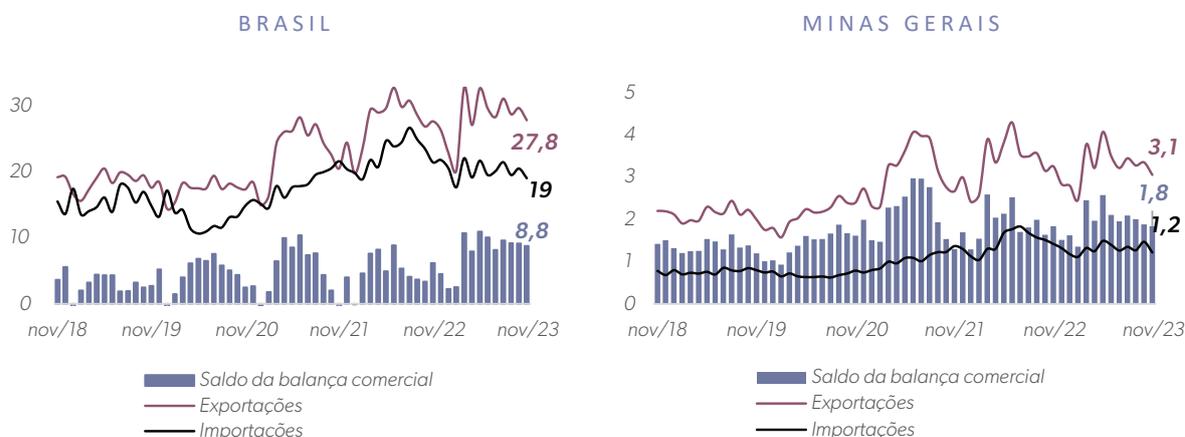
O avanço das exportações resultou, sobretudo, do desempenho da agropecuária. Apesar da queda nos preços de commodities, esse setor beneficiou-se de uma safra recorde de grãos e do ganho de participação do país no mercado internacional. As exportações da indústria extrativa também avançaram, devido à maior produção de petróleo, em razão da entrada e do amadurecimento de campos petrolíferos no pré-sal. Além disso, o petróleo brasileiro ampliou sua participação no mercado global, em um contexto de redução da produção pelos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Os embarques da indústria de transformação caíram, fruto da desaceleração do comércio global e da perda de mercado dos produtos brasileiros.

A queda das importações pode ser explicada tanto pelo menor valor quanto pelo menor volume de produtos importados. Os destaques negativos foram fertilizantes, gás natural e óleos de petróleo, em função dos menores preços internacionais de commodities.

No acumulado do ano até novembro, Minas Gerais mostrou superávit de US\$ 21,8 bi, elevação de 3,6% frente ao mesmo período de 2022. Nesse intervalo, as exportações caíram 3,1%, somando US\$ 36,1 bi, e as importações reduziram 11,8%, atingindo US\$ 14,3 bi. O menor embarque de café, influenciado pela demanda mais fraca na Alemanha e nos Estados Unidos, explicou o resultado das exportações. Em contrapartida, as exportações da indústria extrativa registraram elevação, puxada pelo aumento do volume embarcado de minério de ferro.

As expectativas para 2024 são de um superávit menor, mas ainda robusto, no Brasil. A safra agrícola não deverá repetir a performance extraordinária de 2023, e as importações poderão apresentar um ligeiro crescimento.

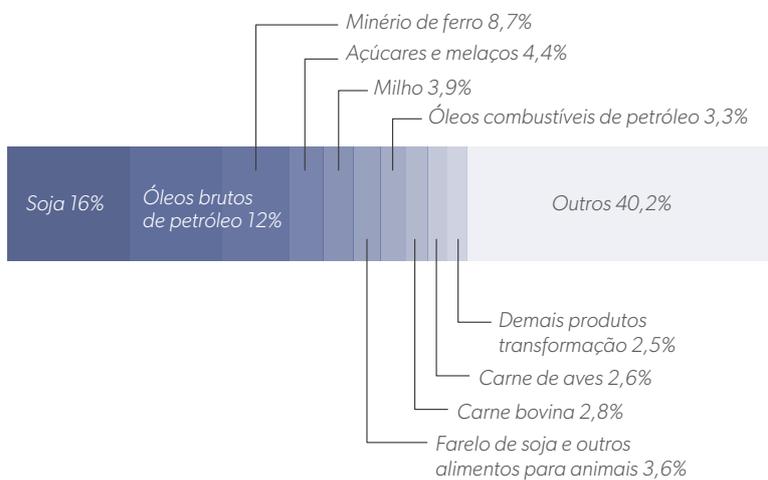
### EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E SALDO DA BALANÇA COMERCIAL (em US\$ bilhões)



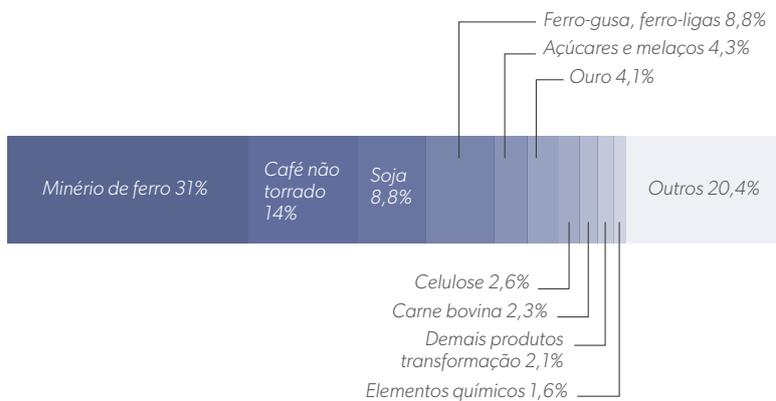
Fonte: Comex Stat.

## PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS – JANEIRO A NOVEMBRO DE 2023

### BRASIL



### MINAS GERAIS



## Avanço da agropecuária e do consumo sustentam resultado positivo do PIB em 2023

A economia brasileira apresentou um desempenho surpreendentemente positivo no ano. Após um crescimento de 3% em 2022, esperava-se uma desaceleração em 2023, devido à instabilidade no contexto internacional e às altas taxas de juros no cenário nacional. Contudo, a notável performance da agropecuária no primeiro semestre, a resiliência do mercado de trabalho e a redução da inflação têm contribuído para a expansão acima do esperado do PIB este ano. Como resultado, até o terceiro trimestre (3T23), o PIB acumulou alta de 3,2% ante igual período de 2022.

No primeiro trimestre de 2023 (1T23), em relação ao trimestre imediatamente anterior, a expansão de 1,4% no PIB brasileiro foi explicada, sobretudo pelo crescimento de 12,5% na agropecuária – justificado pelo bom desempenho de safras relevantes, como soja e milho. O setor de serviços também avançou no período (0,5%), enquanto a indústria apresentou queda de 0,2%.

No segundo trimestre de 2023 (2T23), o PIB registrou elevação de 1% frente ao trimestre anterior. A indústria registrou expansão de 0,9% no período, com destaque para o crescimento de 1,3% do setor extrativo, impulsionado pelas atividades de extração de petróleo e gás e de minério de ferro.

No 3T23, por sua vez, a economia brasileira mostrou sinais de desaceleração, e o PIB ficou praticamente estável (0,1%) em relação ao trimestre anterior. A queda da agropecuária (-3,3%), após o expressivo avanço ocorrido no primeiro semestre do ano, e o pequeno aumento de 0,6% ocorrido tanto na indústria geral quanto no setor de serviços contribuíram para esse resultado.

Pela ótica da demanda, o crescimento sustentado do consumo das famílias nos últimos trimestres, justificado pela melhora no mercado de trabalho e pela desaceleração da inflação, foi a maior influência para o bom desempenho do PIB este ano. Em contrapartida, os recuos na formação bruta de capital fixo registrados nos últimos trimestres, assim como a estabilidade das indústrias extrativa e de transformação e a queda mais intensa na construção civil no 3T23, indicam que as elevadas taxas de juros, mesmo após os cortes iniciados em agosto de 2023, ainda impactam negativamente a capacidade produtiva brasileira.

### PRODUTO INTERNO BRUTO – ÓTICA DA OFERTA (var. %)\*

SETORES	BRASIL					MINAS GERAIS			
	2022		2023			2022		2023	
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
<b>PIB a preços de mercado</b>	1,1	-0,1	1,4	1	0,1	-2,7	-1	1,9	4,4
<b>Agropecuária</b>	5,9	0,4	12,5	0,5	-3,3	-5,2	-6,2	9,3	11
<b>Indústria geral</b>	0,6	-0,4	-0,2	0,9	0,6	-1,1	0,5	2,2	0,9
Extrativa mineral	0,7	2,7	3,3	1,3	0,1	-5,2	6,9	4	-0,2
Transformação	-0,2	-1,5	-0,4	0,2	0,1	0,5	1,5	0,2	1,5
Construção civil	1,1	-1,2	-0,9	1,3	-3,8	0,4	-0,9	0,1	0,1
Energia e saneamento	-0,3	2,5	1	0	3,6	-0,2	-0,7	1,9	3,7
<b>Serviços</b>	1,4	-0,1	0,5	1	0,6	0,5	0	0,3	1,3
Comércio	0,1	-1,1	0,7	0,7	0,3	0,1	-0,8	0,6	0,2
Transporte e correio	1,5	0,6	0,3	1,6	-0,9	-0,4	1,6	-0,1	3,7
Serviços de informação	3,1	1,3	-2	1,5	1	1,8	0,5	0	2,9
Intermediação financeira	2,1	1,6	2,3	1,6	1,3				
Outros serviços	2,3	-0,1	-0,3	0,9	0,5				
Atividades imobiliárias e aluguel	1,1	0,6	0,3	0,9	1,3				
Administração, saúde e educação públicas	1,6	-1	1	0,2	0,4	0,6	0	0,5	0,5

Nota: as influências das variáveis que afetam o PIB sob a ótica da oferta e da demanda levam em consideração tanto suas variações quanto seus pesos.

\*Trimestre ante trimestre anterior – dados dessazonalizados.

Fontes: Contas trimestrais/IBGE e Fundação João Pinheiro (FJP).

# PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

BALANÇO ANUAL 2023 E PERSPECTIVAS



Em Minas Gerais, os resultados da economia também têm sido acima do esperado, com crescimento forte sobretudo no 2T23. Nesse cenário, a economia mineira acumulou alta de 3,1% no primeiro semestre do ano, frente ao mesmo período de 2022.

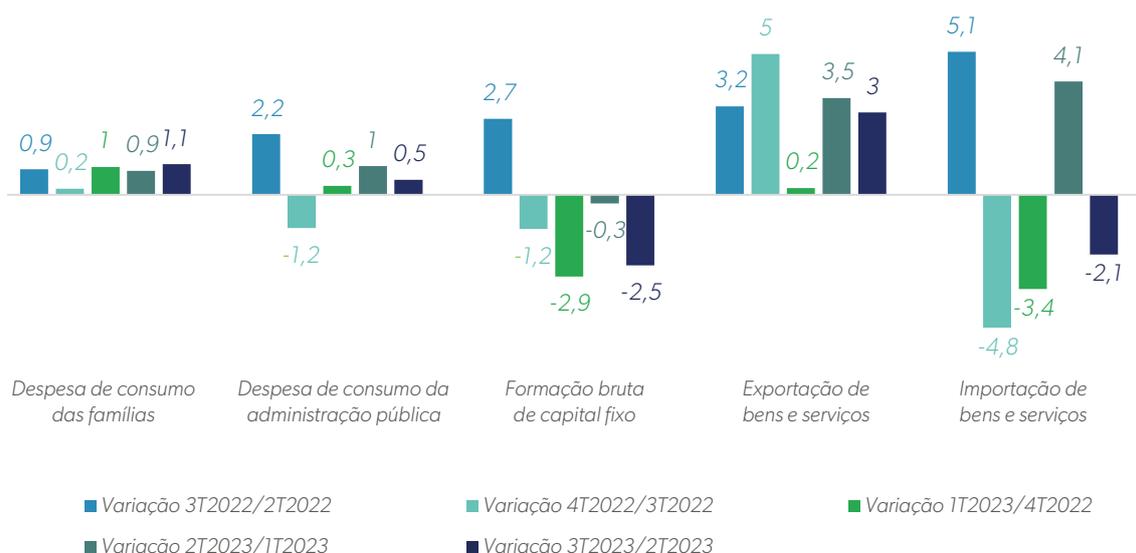
No 1T23, o PIB de Minas Gerais registrou crescimento de 1,9% em relação ao último trimestre de 2022. O resultado foi impulsionado pela agropecuária (9,3%) e pela indústria (2,2%), sendo este último impactado pela indústria extrativa (4%) – favorecida pelo aumento da extração de minério de ferro – e por energia e saneamento (1,9%).

No 2T23, o PIB avançou 4,4% em relação ao 1T23. Esse crescimento foi puxado, mais uma vez, pela expansão da agropecuária (11%), bem como pelo avanço dos serviços (1,3%) e da indústria (0,9%). A elevação no segmento de energia e saneamento (3,7%), favorecida pelo aumento do consumo de energia, e o avanço no segmento de transformação (1,5%), impulsionado pelas atividades de papel e celulose, derivados do petróleo e biocombustíveis, metalurgia, produtos de metal e máquinas e equipamentos, contribuíram para o resultado da indústria geral.

Assim como observado no Brasil, o forte desempenho da agropecuária no primeiro semestre, a resiliência do mercado de trabalho e o controle da inflação têm contribuído para o resultado positivo da economia mineira em 2023. No estado, o crescimento deverá ser impulsionado, ainda, pela indústria extrativa, devido ao melhor desempenho operacional apresentado pelas empresas do segmento. Para o fim do ano, contudo, é esperada uma desaceleração tanto do PIB do Brasil quanto do PIB de Minas Gerais.

Os dados do PIB acumulados em quatro trimestres apontam que a economia do estado apresentou variações positivas ao longo de 2022 e no 1T23, porém com uma desaceleração no 2T23, ficando abaixo da taxa acumulada registrada no país. O PIB industrial do Brasil e de Minas Gerais, por sua vez, avançou no segundo semestre de 2022 e no primeiro semestre de 2023, com o PIB industrial mineiro registrando crescimento acima do PIB industrial nacional no 2T23.

## PRODUTO INTERNO BRUTO BRASIL – ÓTICA DA DEMANDA (var. %)\*



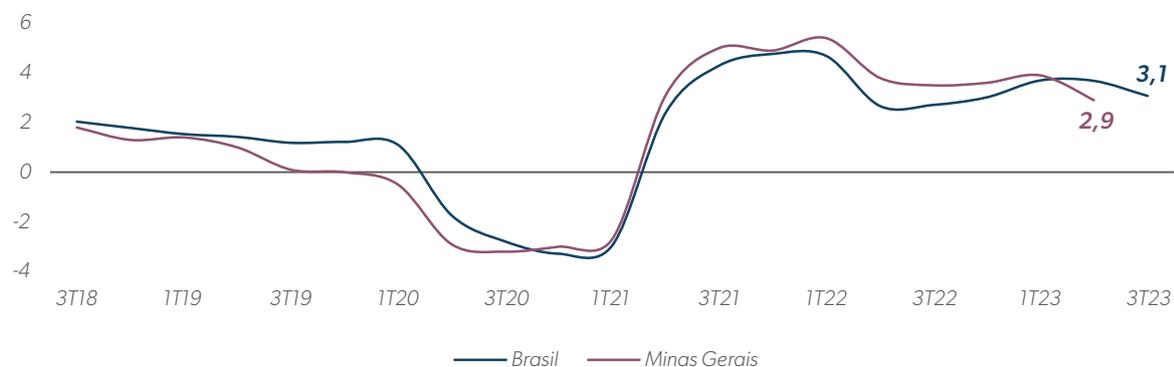
\*Trimestre ante trimestre anterior – dados dessazonalizados.  
Fontes: Contas trimestrais/IBGE e Fundação João Pinheiro (FJP).

# PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

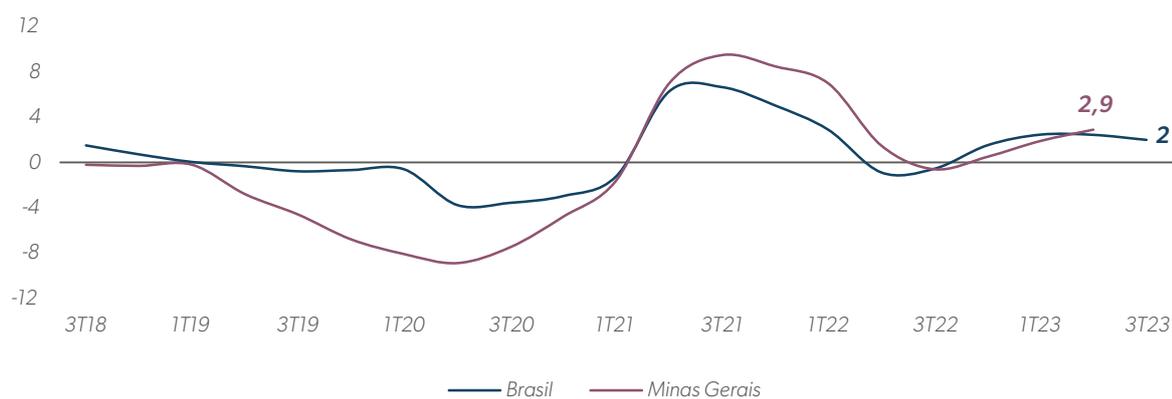
BALANÇO ANUAL 2023 E PERSPECTIVAS



PIB TOTAL – BRASIL E MINAS GERAIS (var. %)\*\*



PIB DA INDÚSTRIA – BRASIL E MINAS GERAIS (var. %)\*\*



\*\* Taxa acumulada em quatro trimestres, em relação ao mesmo período do ano anterior.  
Fontes: Contas trimestrais/IBGE e Fundação João Pinheiro (FJP).

## Recuperação do poder de compra impulsiona o comércio e os serviços, com destaque para o turismo

O comércio varejista obteve resultados positivos no acumulado até setembro de 2023, ante o mesmo período de 2022. No Brasil, o volume de vendas cresceu 2,4% no varejo ampliado e 1,8% no varejo restrito, enquanto em Minas Gerais as elevações foram de 2,5% e 2,9%, respectivamente.

A atividade de hipermercados e supermercados – que trabalha com bens essenciais e é influenciada pela renda – foi uma das responsáveis pelo bom desempenho do setor, tanto no país quanto no estado. Parte desses resultados foi decorrente do aumento do poder de compra das famílias, devido ao retorno da renda a patamares similares ao período pré-pandemia, à desaceleração da inflação e ao contínuo crescimento do mercado de trabalho. Por sua vez, as atividades de tecidos, vestuário e calçados, de móveis e de material de construção destacaram-se negativamente tanto no Brasil quanto em Minas Gerais, bem como o comércio de veículos, motocicletas, partes e peças no estado.

O setor de serviços mostrou expansão de janeiro a setembro, frente a igual período de 2022. O aumento do volume de vendas no Brasil (3,4%) foi explicado, sobretudo, pelos serviços prestados às famílias – atividade fortemente influenciada pela renda. O avanço do setor no estado (8,4%) foi superior ao observado no país – os serviços de informação e comunicação e de transportes e correio contribuíram em maior proporção para esse crescimento.

O segmento de atividades turísticas foi o que mais se destacou no ano. Em Minas Gerais, acumulou aumento de 17,5%, superando a média no Brasil (7,9%) – reflexo da elevação do poder de compra das famílias.

Nos próximos meses, a recuperação da renda e os estímulos governamentais, como o programa de renegociação de dívidas “Desenrola Brasil”, deverão seguir favorecendo a demanda por serviços.

### VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS (var. %)\*

Setor	Brasil	Minas Gerais
Varejo restrito	1,8	2,9
Combustíveis e lubrificantes	6,8	4,7
Hipermercados e supermercados	4	6,5
Tecidos, vestuário e calçados	-7	-13,3
Móveis	-6,6	-6,2
Eletrodomésticos	6,2	12,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,7	6,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	-4,1	-11,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,2	7,8
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-11,6	-12,2
Varejo ampliado	2,4	2,5
Veículos, motocicletas, partes e peças	6,9	-4,2
Material de construção	-3	-6
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,8	13,5
Serviços	3,4	8,4
Serviços prestados às famílias	4,6	5,2
Serviços de informação e comunicação	4,2	12,9
Serviços profissionais, administrativos e complementares	3,9	8,2
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	3,4	9,7
Outros serviços	-0,8	-10,2
Atividades turísticas	7,9	17,5

\*De janeiro a setembro de 2023, frente a igual período de 2022.

Nota: a influência das atividades no desempenho dos setores de comércio e serviços leva em consideração tanto suas variações quanto seus pesos.

Fontes: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC/IBGE) e Pesquisa Mensal de Serviços (PMS/IBGE).

## Indústria registra estabilidade no Brasil e crescimento em Minas Gerais

A produção industrial brasileira ficou estável de janeiro a outubro, ante igual período de 2022. As taxas de juros elevadas afetaram o desempenho do segmento de transformação, que recuou 0,9% no período. As atividades ligadas aos investimentos – mais sensíveis à alta dos juros – registraram as maiores quedas, a exemplo do setor de bens de capital, cuja retração foi de 10,3%. Em contrapartida, o segmento extrativo mostrou avanço de 5,4%, influenciado pela maturação de projetos de extração de petróleo e pelo melhor desempenho operacional da mineração.

Em Minas Gerais, a produção industrial cresceu 3,5% de janeiro a outubro – resultado puxado pelos avanços dos segmentos extrativo (6,5%) e de transformação (2,3%). Assim como no país, o melhor desempenho operacional das unidades produtivas do setor de mineração colaborou para o aumento da indústria extrativa. A implementação de investimentos atraídos nos últimos anos, por sua vez, ajudou a explicar o crescimento da indústria de transformação.

No Brasil, observou-se uma performance heterogênea entre as atividades. Setores mais dependentes dos investimentos (como minerais não metálicos) e expostos à concorrência externa (como vestuário e informática) apresentaram um desempenho mais fraco. Setores ligados ao consumo das famílias (como derivados do petróleo e biocombustíveis e alimentos), por sua vez, registraram melhores resultados. Em Minas Gerais, houve crescimento generalizado, com avanço em 11 das 13 atividades pesquisadas, destacando-se as produções de borracha e material plástico (15,9%) e de máquinas e equipamentos (11%).

A expectativa para 2024 é de desempenho moderado da produção industrial do Brasil e de Minas Gerais, especialmente no primeiro semestre. Se, por um lado, o mercado de trabalho aquecido e a recuperação do poder de compra das famílias podem favorecer o consumo de bens industriais, por outro lado, os efeitos defasados das altas taxas de juros e a inadimplência ainda elevada podem afetar negativamente os investimentos e a aquisição de bens, em especial aqueles mais dependentes do crédito.

### PRODUÇÃO INDUSTRIAL (var. %)\*

Setor**	Brasil	Minas Gerais
<b>Indústria geral</b>	<b>0,0</b>	<b>3,5</b>
<b>Indústria extrativa</b>	<b>5,4</b>	<b>6,5</b>
<b>Indústria de transformação</b>	<b>-0,9</b>	<b>2,3</b>
Derivados do petróleo e biocombustíveis	5,3	6,9
Alimentos	3,8	0,3
Fumo	3,5	3,5
Borracha e material plástico	1	15,9
Bebidas	0,1	0,6
Papel e celulose	-1,9	4
Metalurgia	-2,7	1,9
Produtos de metal	-3,4	7
Veículos	-5,9	6,9
Químicos	-6,3	-12,6
Máquinas e equipamentos	-6,6	11
Minerais não metálicos	-7,2	-4
Materiais elétricos	-10,6	2,8

\*De janeiro a outubro de 2023, frente a igual período de 2022.

\*\*A tabela apresenta somente os setores que são pesquisados em Minas Gerais.

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal (PIM/IBGE).

## Empresário industrial está menos confiante do que em 2022

Em um contexto de desaceleração da atividade econômica e de incertezas após as eleições de outubro de 2022, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) do Brasil registrou valores abaixo de 50 pontos em quatro dos cinco primeiros meses do ano – o ICEI varia de 0 a 100 pontos, e valores abaixo de 50 pontos significam falta de confiança. Em Minas Gerais, os empresários se mostraram neutros em janeiro (mês em que o ICEI foi igual a 50 pontos) e confiantes nos quatro meses seguintes. Contudo, apesar da resiliência no campo positivo, o ICEI do estado caminhou próximo à fronteira dos 50 pontos nesse período.

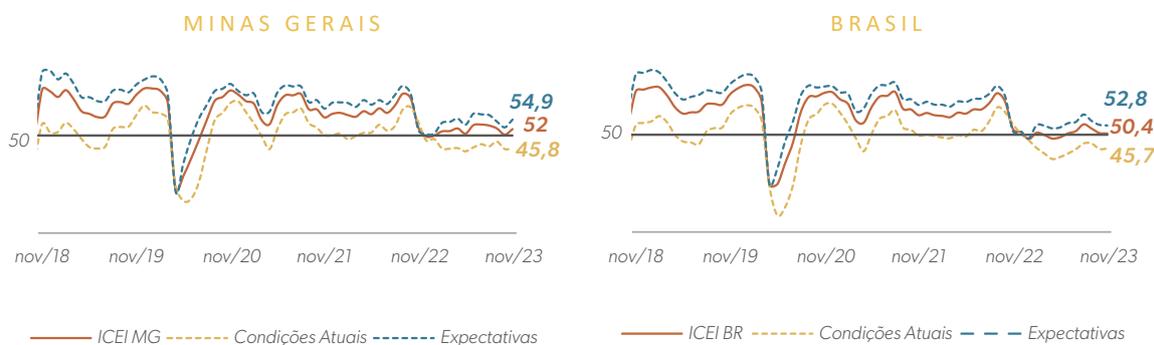
A partir de junho, tanto os industriais do país quanto os industriais do estado mostraram-se confiantes. Todavia, os índices registrados continuaram próximos à linha dos 50 pontos. No Brasil, o patamar mais elevado foi alcançado em agosto (53,2 pontos) e, em Minas Gerais, o maior índice foi apurado em julho (53,4 pontos).

Desse modo, mesmo nos meses em que o ICEI indicou confiança entre os empresários, os índices mostraram que a confiança foi menos intensa e disseminada – em especial quando se compara os resultados de 2023 com os de 2022. No Brasil, a maior diferença foi registrada no ICEI de setembro (51,9 pontos), que recuou 10,9 pontos ante setembro de 2022 (62,8 pontos). Em Minas Gerais, a maior contração ocorreu no ICEI de outubro (50,3 pontos), que caiu 11,2 pontos frente ao mesmo mês do ano anterior (61,5 pontos).

A trajetória do ICEI em 2023, tanto no Brasil quanto em Minas Gerais, foi explicada pelo comportamento dos dois indicadores que compõem o índice. Por um lado, o componente de expectativas para os próximos seis meses sinalizou otimismo dos industriais ao longo do ano. A evolução mais favorável do que era esperado do ambiente macroeconômico, fruto da desaceleração da inflação, da desobstrução das cadeias globais de valor, da resiliência do mercado de trabalho e da menor percepção de risco fiscal, contribuiu para as perspectivas positivas.

Por outro lado, o componente de condições atuais manteve-se abaixo dos 50 pontos, indicando percepção negativa dos empresários com relação à situação da economia e dos seus negócios. Essa avaliação ficou em linha com o contexto de manutenção da taxa básica de juros em patamar elevado, o que restringe os investimentos e a demanda por bens industriais.

### ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL\*



\*O ICEI e os componentes de condições atuais e de expectativas variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 pontos indicam empresários confiantes, situação atual melhor e expectativas positivas, respectivamente. Quanto mais acima de 50 pontos, maior e mais disseminada é a confiança, a avaliação positiva da situação atual e o otimismo dos industriais.

Fontes: FIEMG e Confederação Nacional da Indústria (CNI).

## Descompasso entre produção e vendas é destaque no setor automotivo

De janeiro a outubro de 2023, a produção de veículos (automóveis + comerciais leves + caminhões + ônibus) totalizou 1,95 milhão de unidades – recuo de 0,6% frente ao mesmo período do ano anterior. Contribuiu para esse resultado a acentuada queda de 12,8% nas exportações, influenciada pela crise na Argentina, pela contração dos mercados chileno e colombiano e pela concorrência com os veículos produzidos na China.

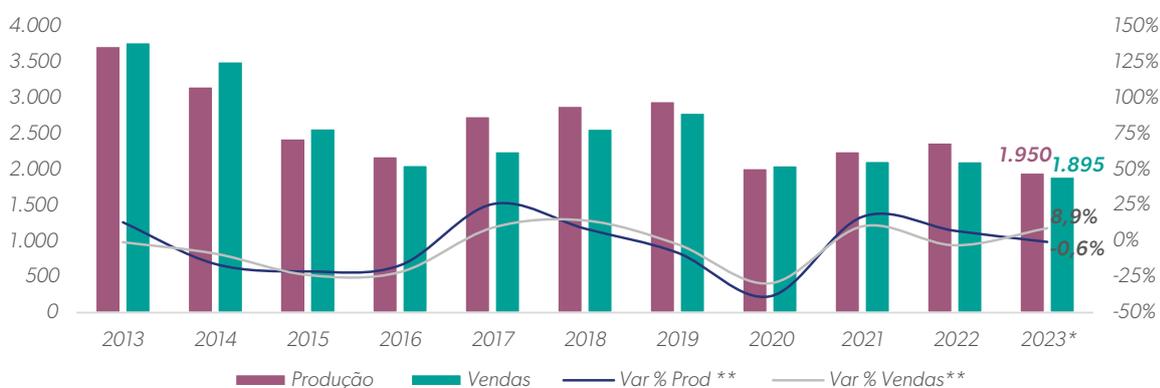
No ambiente doméstico, as mudanças no Proconve, que tem por objetivo reduzir a emissão de gases poluentes, colaboraram para a queda da produção de caminhões e ônibus. As novas tecnologias necessárias para atender à legislação elevaram os preços dos novos modelos e provocaram uma antecipação das compras no fim de 2022, diminuindo a demanda de veículos pesados em 2023.

A despeito da queda na produção, as vendas cresceram 8,9% no acumulado do ano até outubro, ante igual período de 2022. Esse comportamento foi explicado pela maior entrada de veículos importados no país – em 2023, eles representaram, até outubro, 14,7% das vendas, sendo o maior percentual dos últimos oito anos. O programa governamental de incentivo à compra de carros populares no valor de até R\$ 120 mil impulsionou a demanda por veículos leves, e contribuiu para a elevação das vendas do setor.

Com efeito, em Minas Gerais, mais de 417 mil veículos foram emplacados no acumulado do ano até outubro – um acréscimo de 1,7% frente ao mesmo período de 2022. Esse aumento foi puxado pela venda de veículos leves, cujo total de emplacamentos cresceu 2,7%, enquanto o de veículos pesados sofreu uma expressiva queda de 20,4%.

Para o próximo ano, projeta-se um melhor desempenho do setor. A melhora das condições financeiras das famílias e a perspectiva de retomada das exportações deverão elevar a demanda por veículos e a produção nacional. No que tange aos veículos pesados, a expectativa é de aumento nas vendas de caminhões e de renovação da frota de ônibus. Por sua vez, o patamar ainda elevado das taxas de juros, apesar da tendência de queda esperada para os próximos meses, poderá limitar os investimentos industriais e o crescimento das vendas. Ademais, a retomada do imposto de importação sobre veículos elétricos e híbridos em 2024 deverá estimular a transição do setor rumo à eletrificação.

### PRODUÇÃO E VENDAS BRASIL (em milhares de unidades e var. %)



\*Acumulado até outubro de 2023.

\*\*Var % correspondente ao acumulado até outubro de cada ano, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Fontes: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

## Encarecimento do crédito explica desempenho mais fraco do mercado imobiliário em 2023

Após encerrar os últimos dois anos em alta, impulsionado pelos juros historicamente baixos e pelo aumento dos gastos das famílias em reformas e aquisições de imóveis, o setor da construção civil mostrou desempenho mais fraco no primeiro semestre de 2023. Nesse período, observou-se pequeno aumento de 0,9% no PIB do setor no Brasil e de 0,3% no PIB do setor em Minas Gerais. As vendas de cimento, insumo essencial para a construção, recuaram 2,1% de janeiro a outubro, em relação ao mesmo período de 2022.

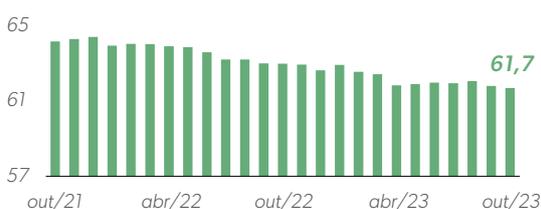
Os efeitos defasados do aperto monetário iniciado em 2021 – apesar dos cortes da taxa básica de juros implementados a partir de agosto de 2023 – tiveram repercussões negativas tanto na demanda quanto no financiamento de imóveis neste ano. As vendas de imóveis residenciais (-7,5%) e os lançamentos (-19,1%) no primeiro semestre recuaram frente ao mesmo período do ano anterior, após o recorde registrado em 2022. O crédito habitacional também diminuiu: no acumulado até setembro, o financiamento com recursos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) totalizou R\$ 114,6 bilhões, redução de 16% ante igual período de 2022.

Contudo, a produção nacional de insumos da construção civil, que chegou a acumular recuo de 6,1% em janeiro – na análise dos últimos 12 meses – moderou seu ritmo de queda ao longo do ano, mostrando retração de 3,3% em setembro. Adicionalmente, a inflação na construção civil desacelerou no período de janeiro a outubro deste ano, com recuo de 0,2% em Minas Gerais e crescimento de 2,2% no Brasil, após fechar 2022 com aumentos de 9,78% no estado e 10,9% no país. Esse arrefecimento da inflação em 2023 foi explicado pela descompressão dos custos com mão de obra e, especialmente, com materiais, que chegaram a apresentar deflação no período.

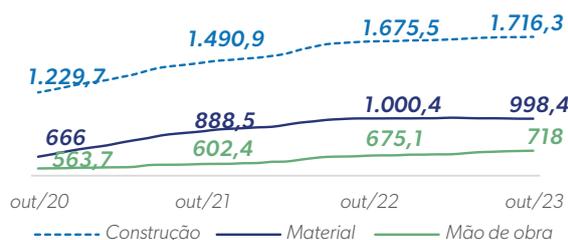
Nesse contexto, o aumento da participação do segmento de baixa renda vem beneficiando o setor em alguma medida, assim como o bom momento da infraestrutura – as obras contratadas em anos anteriores sustentaram o desempenho positivo desse segmento em 2023. A produção de asfalto, proxy para a infraestrutura, mostra avanço contínuo desde o início de 2022.

No cenário prospectivo, o segmento imobiliário deverá ser estimulado pela continuidade de redução da taxa Selic, pelas condições mais favoráveis do Minha Casa, Minha Vida – relançado com aumento do limite de renda para a faixa inferior do programa, taxas de juros mais baixas e elevação do subsídio – e pelo Marco Legal das Garantias, que permite que um bem seja usado para assegurar mais de um empréstimo. O segmento de infraestrutura deverá ser impulsionado pelo Novo PAC, que prevê R\$ 1,7 trilhão em investimentos a serem realizados nos próximos quatro anos, e pelo decreto que confere ao setor da construção pesada para infraestrutura o status de interesse da economia nacional, permitindo que as empresas obtenham crédito garantido pelo Fundo Garantidor de Investimentos.

VENDA DE CIMENTO\* – BRASIL  
(acum. 12 meses / em milhões ton.)



CUSTO DA CONSTRUÇÃO – BRASIL (em R\$)



\* Vendas preliminares da indústria e estimativas de mercado.

Fontes: IBGE, Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC), Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (ABECCIP), Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) e LCA Consultores.

## Recuperação do setor extrativo impulsiona as indústrias brasileira e mineira

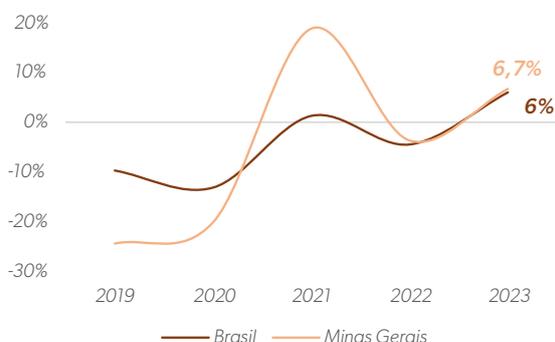
De janeiro a setembro de 2023, a produção da indústria extrativa avançou 6% no Brasil e 6,7% em Minas Gerais, ante igual período de 2022. Dois fatores influenciaram esse crescimento: a baixa base de comparação formada em 2022, ano em que o setor registrou quedas de 4,5% no país e de 3,9% no estado, e o melhor desempenho operacional na produção de minério de ferro e de petróleo, que resultou em aumentos na produtividade reportados por algumas das principais empresas de mineração brasileira. No segmento de petróleo e gás, a maturação de investimentos realizados anteriormente e a capacidade do Brasil de consolidar sua presença no mercado internacional também contribuíram para o resultado.

No acumulado até setembro de 2023, as exportações brasileiras de minério de ferro totalizaram US\$ 28 bilhões, avanço de 1,2% em relação ao mesmo período de 2022. O crescimento de 9,5% do volume exportado mais que compensou o recuo na cotação internacional do produto – o preço médio registrou queda de 6% em 2023. As exportações de petróleo, por sua vez, totalizaram US\$ 67,5 bilhões – a despeito do recuo de 21% no preço internacional em 2023 –, com crescimento de 30% em volume e de 3% em valor. A maior oferta de ambos os produtos e os temores de menor demanda em razão do crescimento abaixo do esperado na China influenciaram os preços internacionais dessas commodities.

Os anúncios de mais estímulos econômicos na China nos últimos meses e o crescimento econômico ligeiramente acima do esperado no país no terceiro trimestre contribuíram para uma recuperação parcial nos preços internacionais do petróleo e do minério de ferro. Adicionalmente, em setembro, o anúncio do corte de 1 milhão de barris de petróleo por dia na produção da Arábia Saudita colaborou para a valorização do preço do produto.

Para 2024, as expectativas são de crescimento econômico mais baixo nos Estados Unidos e na China, o que deverá impactar negativamente o preço das commodities. Por sua vez, no que se refere ao minério de ferro, a oferta tende a diminuir sazonalmente durante o primeiro semestre de 2024, em decorrência das condições climáticas. Além disso, a perspectiva é que a demanda chinesa se mantenha robusta devido aos estoques abaixo da média no país. Somando-se esses dois fatores, o preço do minério de ferro poderá registrar recuperação no curto prazo. Com relação ao petróleo, um possível acordo na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) para redução na produção e os desdobramentos do conflito no Oriente Médio poderão contribuir para elevar o preço do produto.

PRODUÇÃO FÍSICA (var. %)\*



COTAÇÃO MINÉRIO DE FERRO E PETRÓLEO BRENT (US\$)



\* Var % correspondente ao acumulado até setembro de cada ano, em relação ao mesmo período do ano anterior.  
Fontes: Pesquisa Industrial Mensal (PIM/IBGE), Comex Stat e Bloomberg.

## Setor de máquinas e equipamentos em Minas Gerais apresenta desempenho superior ao do Brasil

O setor de máquinas e equipamentos no Brasil deve registrar, em 2023, o segundo ano consecutivo de queda na produção e na demanda. Este ano, a acomodação dos investimentos no setor agrícola, as taxas de juros ainda em patamares elevados e, por consequência, a desaceleração da atividade econômica, reduziram a procura por bens de capital.

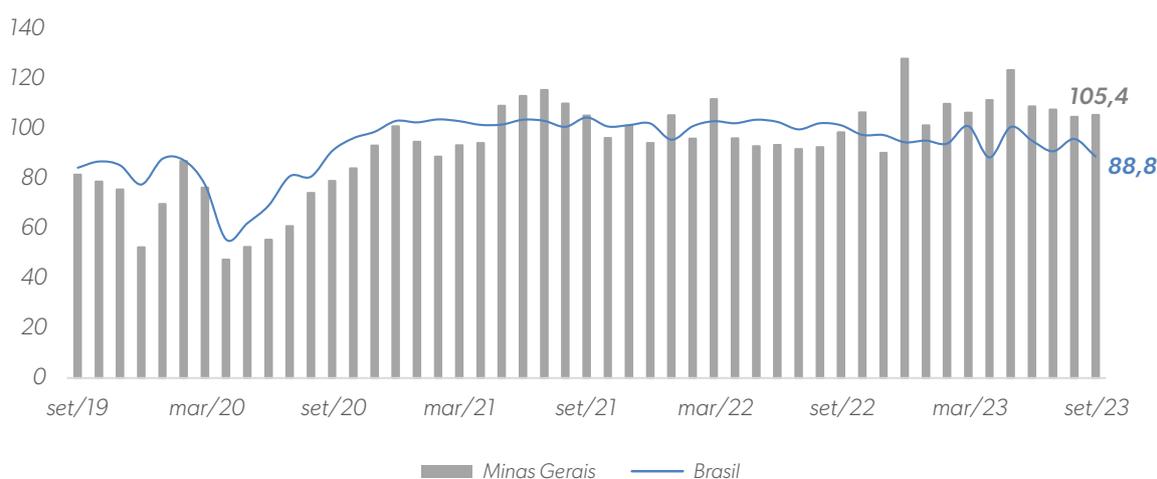
Como resultado, a produção brasileira do setor recuou 6,9% de janeiro a setembro, ante igual período de 2022, justificada pela menor produção de escavadeiras, tratores agrícolas e máquinas para usos industriais. Em um contexto de menor demanda interna, as exportações acumularam, de janeiro a outubro de 2023, aumento de 10,9% em quantidade e de 18,7% em valor, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Em Minas Gerais, o cenário é o oposto. Após contração de 1,4% da atividade em 2022, o setor vem apresentando forte recuperação em 2023, com crescimento de 11,3% no acumulado do ano até setembro. A fabricação de motoniveladoras para construção civil, máquinas e aparelhos para irrigação e peças de máquinas para metalurgia e fundição favoreceram o resultado positivo do setor no estado.

Para 2024, as expectativas são de recuperação da atividade do setor de máquinas e equipamentos no Brasil. A redução da taxa básica de juros, a sinalização do governo de adotar a política de depreciação acelerada de bens de capital e o Novo PAC podem contribuir para a maior aquisição de máquinas. Por sua vez, os custos de financiamento no campo ainda em patamar elevado podem impactar negativamente a demanda por implementos agrícolas.

Em Minas Gerais, a atividade deve apresentar um novo crescimento no próximo ano. Na esteira do bom desempenho da atividade no estado – a despeito da menor atividade no país –, empresas do setor anunciaram investimentos para aumento de produção em Minas Gerais nos próximos anos.

### PRODUÇÃO FÍSICA\* (Índice-base 2022 = 100)



\* Série dessazonalizada.

Fontes: Pesquisa Industrial Mensal (PIM/IBGE), LCA Consultores e Comex Stat.

## Metalurgia brasileira apresenta nova queda em 2023

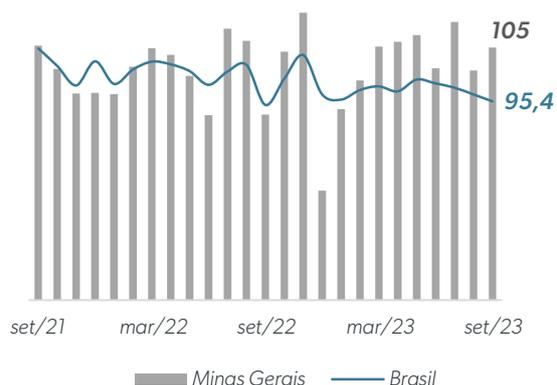
Após recuar 5% em 2022, a produção metalúrgica no Brasil caiu 2,6% de janeiro a setembro de 2023, frente ao mesmo período do ano anterior. Dentre os segmentos, as principais retrações foram registradas na fundição e na siderurgia. Apesar da queda no Brasil, a produção da metalurgia em Minas Gerais avançou 2,4% no período, puxada pelas maiores produções de zinco, ligas, ouro, nióbio e bobinas inoxidáveis.

O desempenho negativo brasileiro foi justificado pela menor demanda externa e pelo aumento das importações de aço. No acumulado do ano até outubro, o volume importado de produtos metalúrgicos no Brasil cresceu 35,6%, sobretudo no segmento de siderurgia (56,9%). Dos principais países fornecedores de aço ao Brasil, destacou-se o aumento das importações da Rússia (338,6%), da Coreia do Sul (124,1%) e da China (61%).

Concomitante a isso, nesse período, o consumo aparente de aço (parcela da produção doméstica destinada ao mercado interno acrescida das importações) registrou pequeno avanço, de 0,3%, enquanto a produção nacional recuou 8,1%. Em resposta a esse cenário, empresas brasileiras realizaram paralisações e reduções de atividade em algumas plantas produtivas no quarto trimestre.

Para o próximo ano, as expectativas são de desempenho moderado do setor metalúrgico brasileiro. Por um lado, o baixo nível de atividade de setores intensivos em aço e a maior participação de produtos importados no mercado nacional podem afetar negativamente a produção. Por outro lado, a nova edição do programa Minha Casa, Minha Vida e a realização de obras públicas, como as relacionadas à transmissão de energia elétrica e ao saneamento, podem contribuir para estimular a demanda por aço.

**PRODUÇÃO FÍSICA\***  
Índice-base 2022 = 100



**PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO – BRASIL\***  
(em milhões ton.)



\* Série dessazonalizada.

Fontes: Pesquisa Industrial Mensal (PIM/IBGE), Instituto Aço Brasil, Comex Stat e LCA Consultores.

## Setor de papel e celulose recua no Brasil, mas cresce em Minas Gerais

O setor de papel e celulose conviveu com desequilíbrios entre oferta e demanda ao longo de 2023. No primeiro semestre, a desaceleração da atividade global, especialmente na China, em conjunto com o processo de desestocagem na Europa, enfraqueceram a demanda por celulose. Em contrapartida, a redução dos gargalos logísticos globais, as adições de capacidade nas fábricas e um inverno ameno no hemisfério norte aumentaram a disponibilidade da matéria-prima. Esse descompasso refletiu-se na queda do preço da commodity, o que levou grandes produtoras brasileiras a reduzirem o ritmo de suas operações. A exceção foi o mercado de celulose fluff – voltado para fabricação de papéis sanitários – que registrou desempenho positivo, por apresentar uma dinâmica de preços menos volátil.

No terceiro trimestre, a demanda chinesa por celulose – que no primeiro semestre foi abaixo da esperada – mostrou crescimento. Na Europa, observou-se uma retomada no ritmo de operações entre os produtores de papel e cartão, sinalizando o fim do processo de desestocagem. Adicionalmente, paradas não programadas em unidades produtivas na China limitaram a oferta de celulose. Essas condições propiciaram aumento nos preços da commodity e impulsionaram a produção do setor no Brasil. Vale destacar a influência da demanda sazonal, uma vez que o terceiro trimestre marca o período em que o varejo se prepara para as vendas de fim de ano, o que contribui para o aumento da procura por papel e celulose, principalmente no segmento de embalagens.

A combinação desses efeitos resultou na queda da produção industrial do setor que, de janeiro a setembro, recuou 1,9% no Brasil, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Em Minas Gerais, por sua vez, a produção expandiu 5,6%, com destaque para a fabricação de celulose, caixas de papelão ondulado e fraldas descartáveis.

O Brasil, que é referência nas exportações do setor, apresentou desempenho negativo nessa esfera. De janeiro a outubro, ante igual período de 2022, as exportações brasileiras registraram quedas de 6,9% e 9,2% em volume e em valor, respectivamente. Esse resultado foi influenciado pelo cenário global mais adverso, sobretudo na China – principal comprador da celulose brasileira. Além disso, no ano anterior, os preços internacionais mais elevados incentivaram a exportação de papel, o que ocorreu com menor intensidade em 2023.

Para os próximos anos, espera-se uma expansão do setor, impulsionada pela demanda internacional e pelos investimentos realizados por grandes players para aumento da capacidade produtiva. No entanto, as mudanças climáticas, a moderação do ritmo de crescimento nas áreas florestais plantadas frente à rápida adição de novas capacidades fabris e os custos mais elevados de plantio podem criar um cenário desafiador.

### PRODUÇÃO FÍSICA E EXPORTAÇÕES (%)

		Brasil	Minas Gerais
Produção física	Setembro*	-2,3	-35,6
	Janeiro a setembro*	-1,9	5,6
Exportações Outubro*	Volume (Kg)	-28,5	-41,5
	Valor (US\$)	-32,8	-60,2
Exportações Janeiro a outubro*	Volume (Kg)	-6,9	26,7
	Valor (US\$)	-9,2	19,6

\*Em relação ao mesmo período do ano anterior.

Fontes: Pesquisa Industrial Mensal (PIM/IBGE) e Comex Stat.

## Setor têxtil registra mínimas históricas na produção e enfrenta contexto desafiador

Em 2022, a produção têxtil no Brasil recuou 12,8% em relação a 2021. Esse declínio foi especialmente influenciado pelo desempenho desfavorável do setor no último quadrimestre do ano, quando apresentou o segundo menor nível de produção desde o início da série histórica, em 2002. Fatores como os aumentos dos preços do algodão e dos fretes, combinados com a redução da demanda interna, contribuíram para esse resultado.

De janeiro a setembro de 2023, a produção têxtil brasileira manteve-se em patamar historicamente baixo, acumulando uma queda de 0,9% ante iguais meses de 2022. Contudo, ao longo do ano, observou-se uma ligeira melhora na performance do setor: a produção têxtil brasileira registrou crescimento médio mensal de 0,4% nesse período.

Em Minas Gerais, os dados mostraram recuo da atividade do setor. As horas trabalhadas na produção têm apresentado reduções desde janeiro de 2022 – quedas de, em média, 0,6% ao mês. De janeiro a setembro, esse indicador atingiu alguns dos níveis mais baixos da série histórica, iniciada em 2003, e acumulou recuo de 7,5% ante igual período de 2022. As indústrias têxteis mineiras operaram, nesse período, com 75,1% da capacidade instalada, o menor patamar registrado em 20 anos.

Nos próximos meses, o setor seguirá enfrentando um ambiente desafiador. Apesar das previsões de continuidade dos cortes na taxa Selic, os juros permanecem elevados, limitando os investimentos. O alto custo do algodão – a despeito da tendência de queda observada ao longo do ano – e a intensa concorrência dos produtos importados poderão contribuir para reduzir o dinamismo do setor têxtil. Entretanto, os estímulos governamentais, como o programa de renegociação de dívidas, aliados ao arrefecimento da inflação, poderão favorecer o consumo de bens mais associados à renda.

**PRODUÇÃO FÍSICA – BRASIL\***  
Índice-base 2022 = 100



**HORAS TRABALHADAS NA PRODUÇÃO – MINAS GERAIS\***  
Índice-base 2022 = 100



\*Série dessazonalizada.

Fontes: Pesquisa Industrial Mensal (PIM/IBGE), Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT), Broadcast, FIEMG Index Têxtil e Bloomberg.

## Economia se recupera em 2023, mas com perspectivas de desaceleração moderada

As estimativas de crescimento econômico para 2023 e 2024 estão pautadas em acontecimentos externos e internos:

### Contexto Internacional

- » Políticas de controle inflacionário, tanto nos EUA quanto na Zona do Euro, tendem a arrefecer a economia nessas regiões, o que implica uma redução da demanda internacional por produtos brasileiros no curto e médio prazos.
- » Conflitos geopolíticos, como a guerra entre Rússia e Ucrânia e a guerra entre Israel e o Hamas, podem perder força, reduzindo seus impactos econômicos.

### Contexto Nacional

- » Incertezas sobre a condução da política fiscal e o não cumprimento das metas, sobretudo em relação à obtenção de receitas governamentais.
- » Impactos climáticos decorrentes do El Niño, que têm provocado secas em determinadas regiões, e aumento pluviométrico em outras. Esses fatos tendem, por um lado, a influenciar negativamente a safra agrícola e, por outro lado, a aumentar a demanda por energia elétrica, o que implica elevação dos custos para a atividade produtiva e para as famílias.

### Balanço de Riscos

Apesar de considerar o contexto exposto, é possível que as projeções sejam influenciadas por fatores não esperados, como:

- » Recessão global mais acentuada e persistente, além de uma perduração da inflação, que pode provocar choques de juros.
- » Resultados fiscais insuficientes e confirmação do não cumprimento das metas estabelecidas, implicando queda da confiança dos agentes econômicos.

	BRASIL		MINAS GERAIS	
	2023	2024	2023	2024
<b>PIB Total</b>	<b>2,9%</b>	<b>1,6%</b>	<b>3,1%</b>	<b>1,9%</b>
<b>Agropecuária</b>	18,8%	1,6%	11,6%	2,0%
<b>Indústria</b>	<b>1,1%</b>	<b>2,0%</b>	<b>3,8%</b>	<b>2,4%</b>
Ind. Extrativa	7,1%	4,9%	7,1%	3,7%
Ind. Transformação	-0,4%	1,5%	3,5%	2,3%
SIUP	7,3%	0,7%	6,8%	3,2%
Construção	-0,6%	1,9%	-0,2%	1,1%
<b>Serviços</b>	<b>1,9%</b>	<b>1,5%</b>	<b>1,9%</b>	<b>1,6%</b>

## Análise espacial do setor industrial em Minas Gerais por microrregiões

A distribuição desigual de recursos e tipos de trabalho entre as regiões de um mesmo estado são fatores que refletem diretamente o desenvolvimento socioeconômico de cada uma delas. Nesse sentido, o estudo dos padrões de localização das estruturas produtivas pode ser útil para a alocação mais eficiente dos recursos públicos, além de auxiliar os empreendedores nas tomadas de decisões.

Apesar disso, o estudo do padrão locacional das indústrias em termos regionais ainda é pouco explorado. Nesse contexto, este anexo especial busca contribuir para a análise regional de Minas Gerais ao avaliar a evolução da concentração espacial de setores industriais nas microrregiões do estado no período de 1985 a 2021.

Para alcançar esse objetivo, utilizou-se o indicador de Quociente Locacional (QL), conforme proposto por Haddad (1989) e Piffer (1997), para analisar a concentração industrial nas microrregiões do estado. O QL revela a concentração relativa de uma determinada atividade econômica em Minas Gerais, comparativamente à participação dessa mesma atividade econômica nas microrregiões. A fórmula utilizada para o cálculo desse índice é:

$$QL_{ij} = \frac{\frac{C_{ij}}{\sum_j C_{ij}}}{\frac{\sum_i C_{ij}}{\sum_i \sum_j C_{ij}}}$$

Em que

$C_{ij}$  é o emprego formal no ramo de atividade  $i$  na microrregião  $j$

$\sum_j C_{ij}$  é a soma do emprego formal no ramo de atividade  $i$  em todo o estado de Minas Gerais

$\sum_i C_{ij}$  é a soma do emprego formal de todos os ramos de atividade na microrregião  $j$

$\sum_i \sum_j C_{ij}$  é o somatório do emprego formal de todos os ramos de atividade de todas as microrregiões do estado.

Quanto maior o QL, maior a especialização da região no respectivo setor industrial. Se o  $QL \geq 1$ , então diz-se que o setor tem concentração significativa na microrregião em relação a Minas Gerais. Se o  $0,5 \leq QL \leq 0,99$ , a microrregião tem uma concentração média do setor. Se  $QL \leq 0,49$ , a microrregião tem baixa concentração do setor.

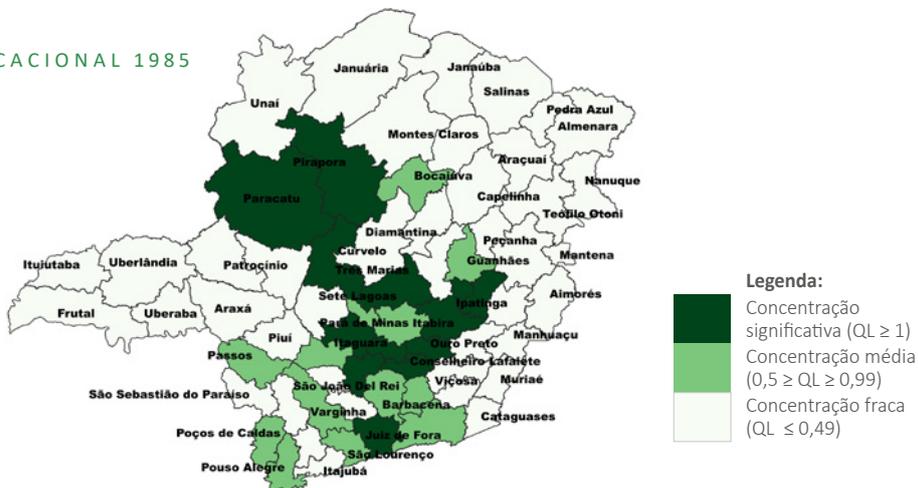
Além disso, realizou-se uma avaliação da variação do emprego nos setores entre 1985 e 2021, com o intuito de identificar as microrregiões que apresentaram as mudanças mais expressivas, tanto positivas quanto negativas, nos níveis de emprego nos setores industriais. Em outras palavras, mesmo que um setor industrial específico seja significativo em uma determinada região do estado, essa localidade pode ter experimentado uma redução na participação do número de empregos nesse setor ao longo do tempo. O oposto também é possível – algumas regiões podem ter experimentado um aumento substancial em sua participação no emprego em setores específicos. A análise da variação no emprego contribui para uma compreensão mais profunda da dinâmica da estrutura produtiva no estado ao longo dos anos.

Os dados utilizados para a análise foram obtidos por meio da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) referente aos anos de 1985 a 2021. Esses dados abrangem 11 atividades econômicas da indústria nas 66 microrregiões de Minas Gerais, permitindo uma análise abrangente do deslocamento espacial do setor industrial ao longo do tempo.

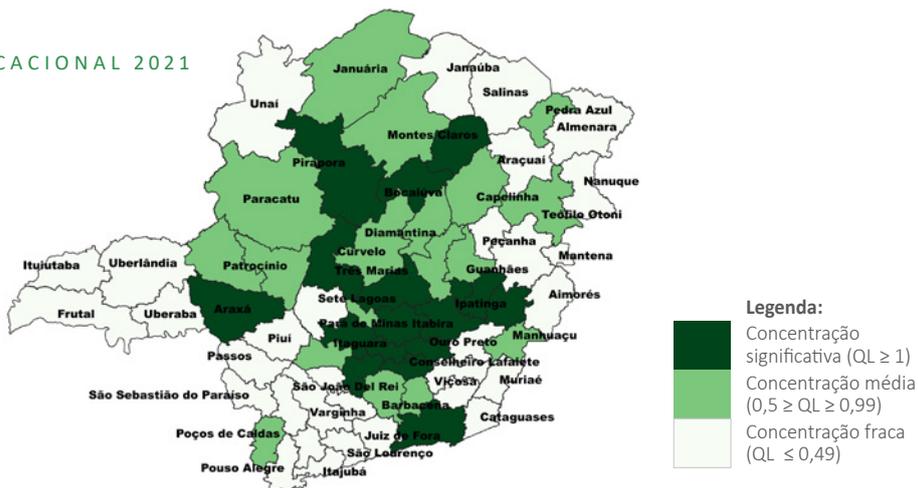
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### METALÚRGICA

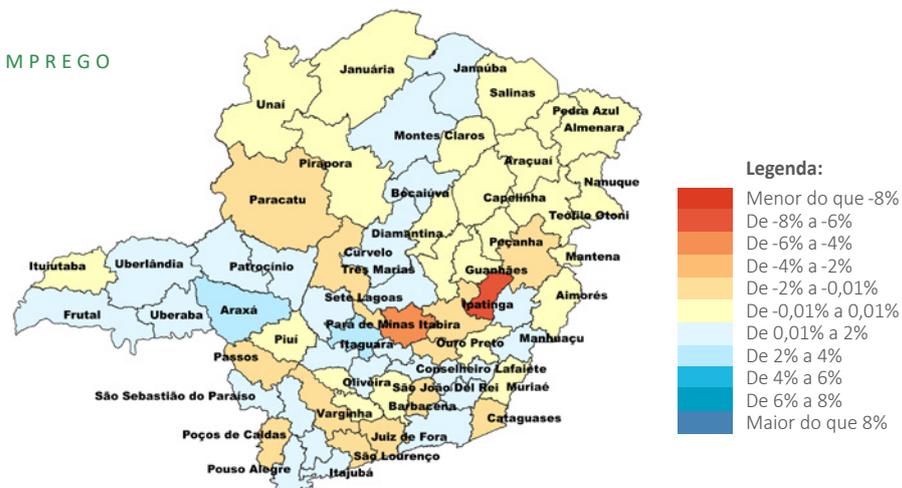
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

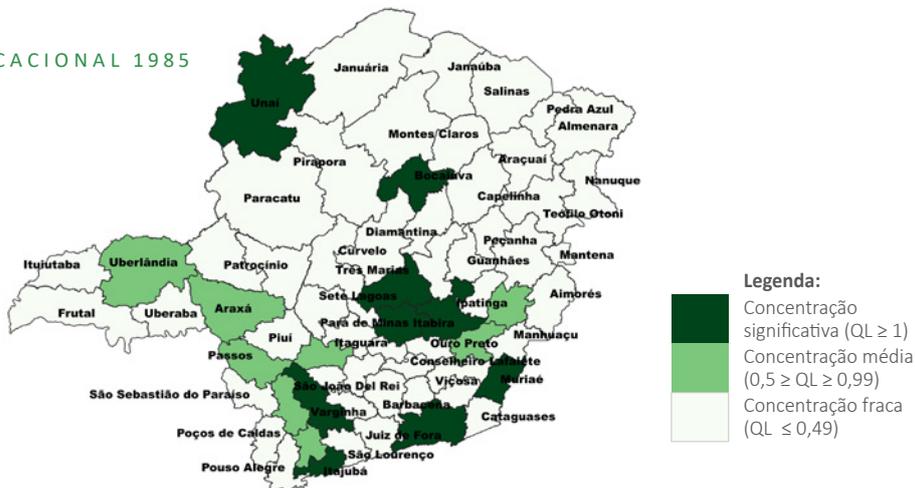


A indústria metalúrgica tem experimentado deslocamentos territoriais em Minas Gerais. A região Noroeste perdeu especialização em relação à média estadual, observando-se deslocamento dessa atividade em direção às microrregiões do eixo Sete Lagoas-Montes Claros, às regiões Central e Oeste. Os maiores ganhos de participação de emprego ocorreram nas microrregiões de Divinópolis (7,85% para 10,57%) e Araxá (0,06% para 2,12%). Já as maiores perdas ocorreram nas microrregiões de Belo Horizonte (30,47% para 26,45%) e Ipatinga (20,9% para 12,96%).

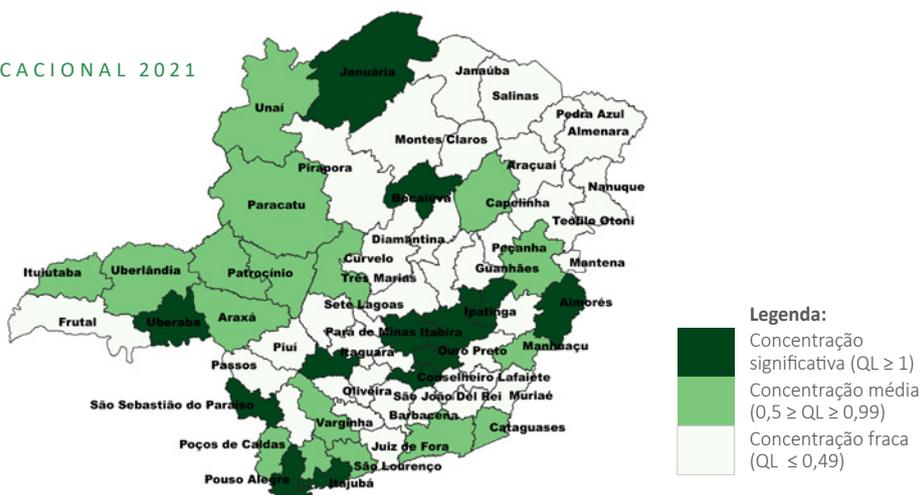
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### MECÂNICA

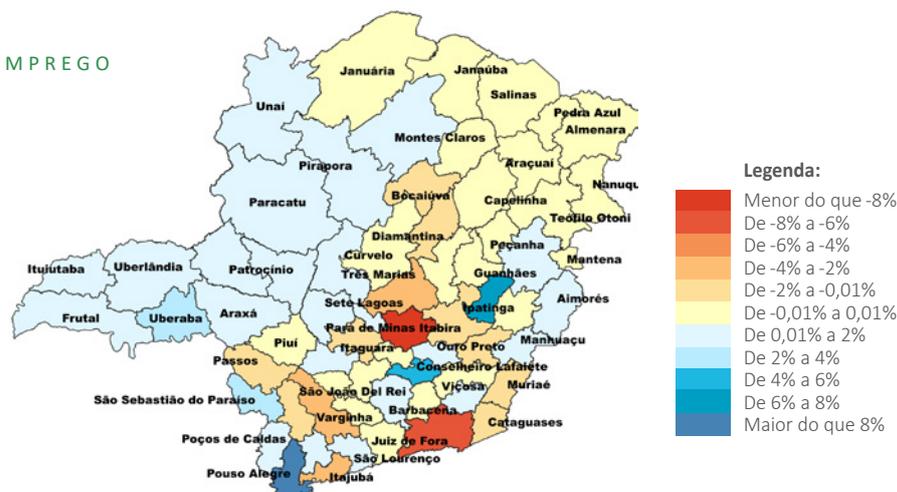
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

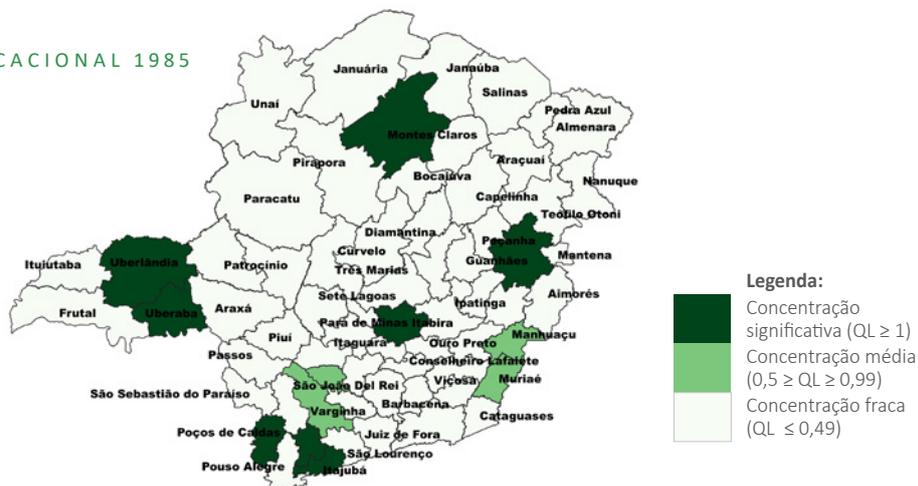


A indústria mecânica também tem experimentado deslocamentos no estado. As regiões Metropolitana de Belo Horizonte e da Zona da Mata perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade em direção às regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Noroeste e Sul. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Pouso Alegre (0,51% para 11,22%) e Ipatinga (0,82% para 6,93%), e as maiores perdas ocorreram nas microrregiões de Belo Horizonte (57,23% para 37,93%) e Juiz de Fora (8,83% para 1,93%).

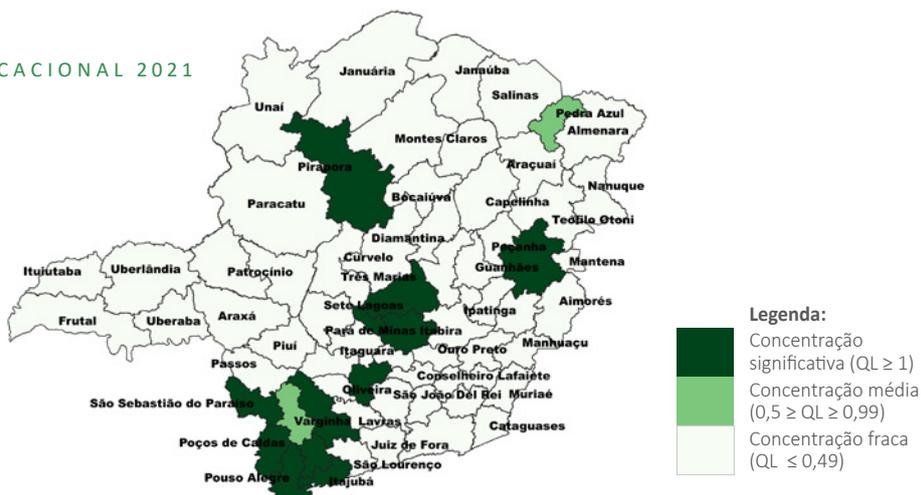
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### ELÉTRICA E COMUNICAÇÃO

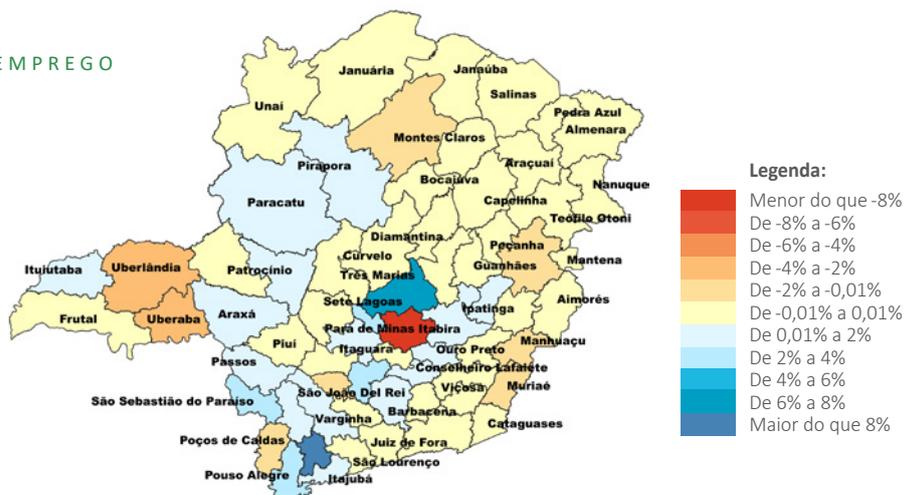
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

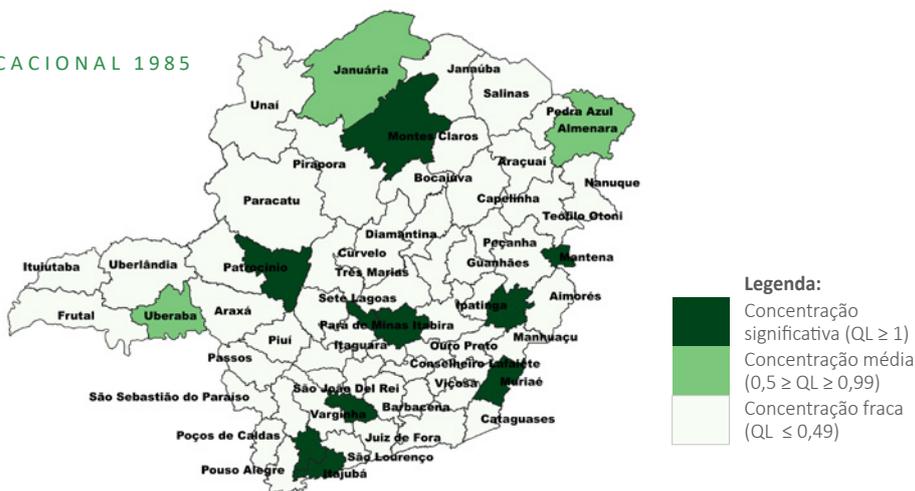


A indústria elétrica e de comunicação tem se deslocado territorialmente em Minas Gerais. As regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e Metropolitana de Belo Horizonte perderam especialização em relação à média estadual, com deslocamento dessa atividade para as regiões Sul e Sudoeste. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Santa Rita do Sapucaí (2,95% para 15,97%), Sete Lagoas (0,06% para 6,4%) e Pouso Alegre (0,62% para 4,59%), e as maiores perdas ocorreram nas microrregiões de Belo Horizonte (68,8% para 40,2%), Uberaba (3,74% para 0,24%) e Uberlândia (3,71% para 0,97%).

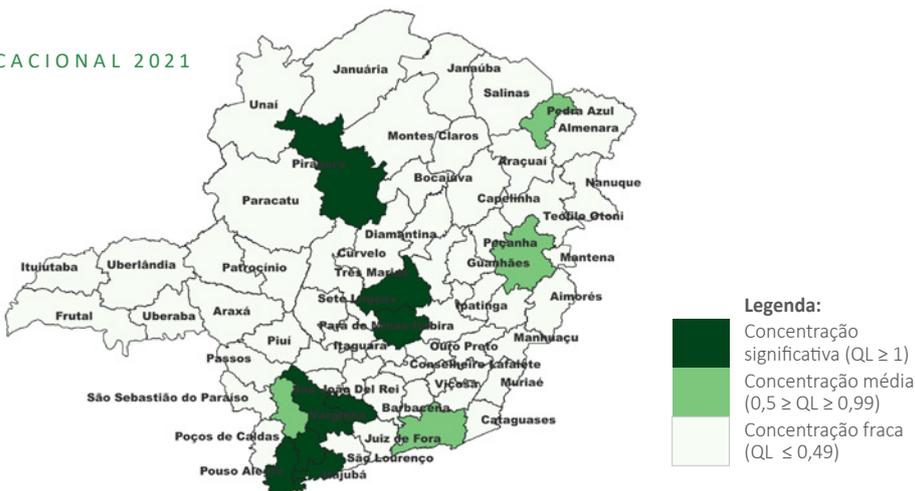
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### MATERIAL DE TRANSPORTE

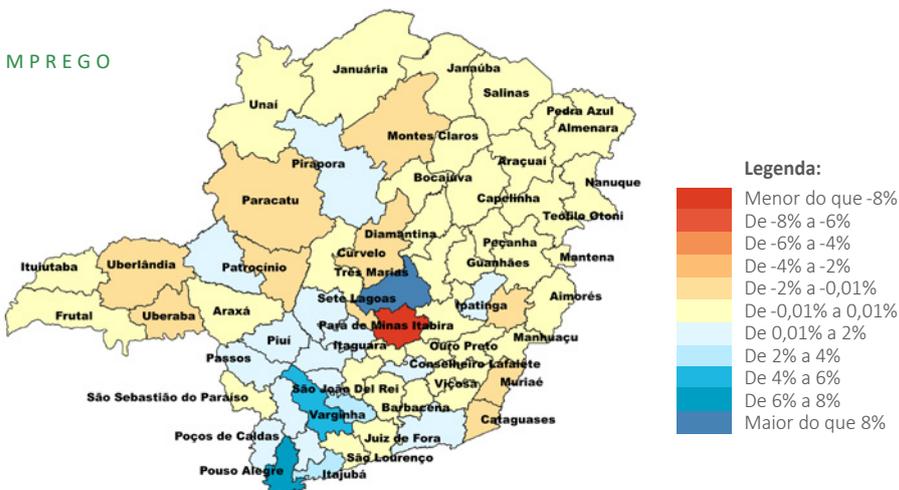
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

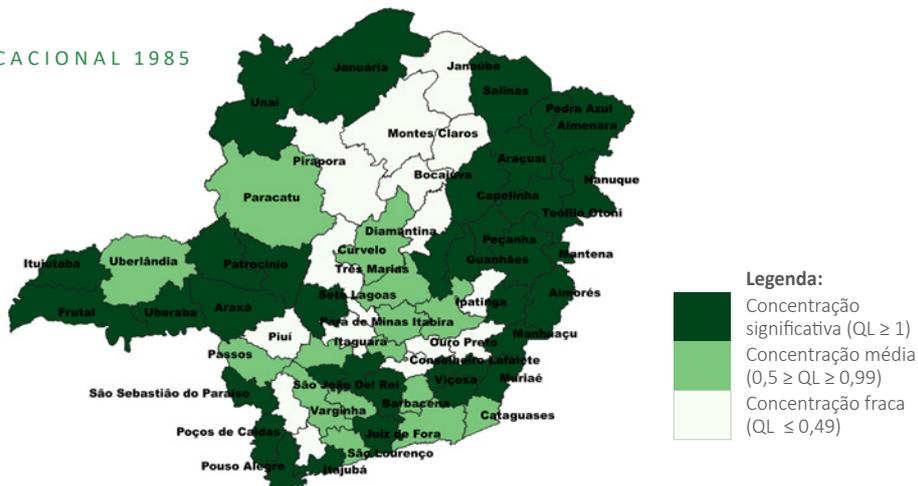


A indústria de material de transporte também tem se deslocado no estado. As microrregiões de Januária e Montes Claros perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade em direção à região Sul. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Sete Lagoas (0,01% para 9,41%), Pouso Alegre (0,01% para 7,49%) e Varginha (0,08% para 4,12%), e a maior perda de participação ocorreu na microrregião de Belo Horizonte (80,29% para 52,73%).

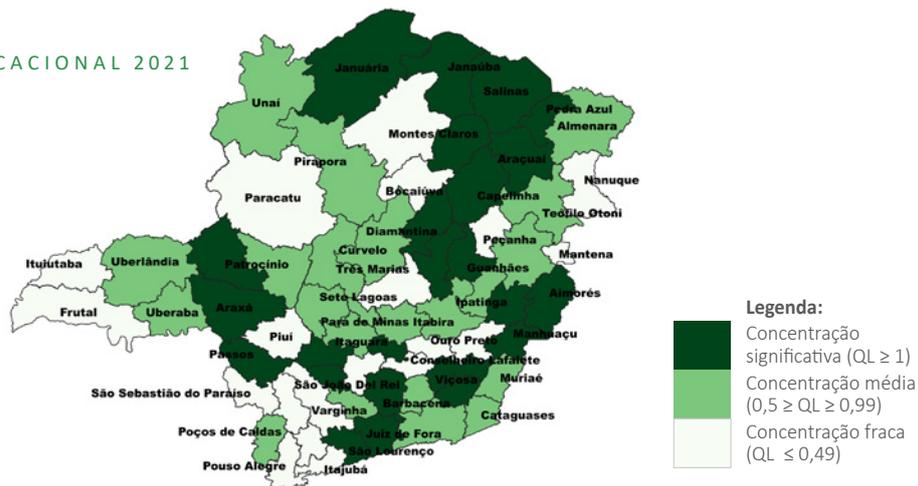
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### MADEIRA E MOBILIÁRIO

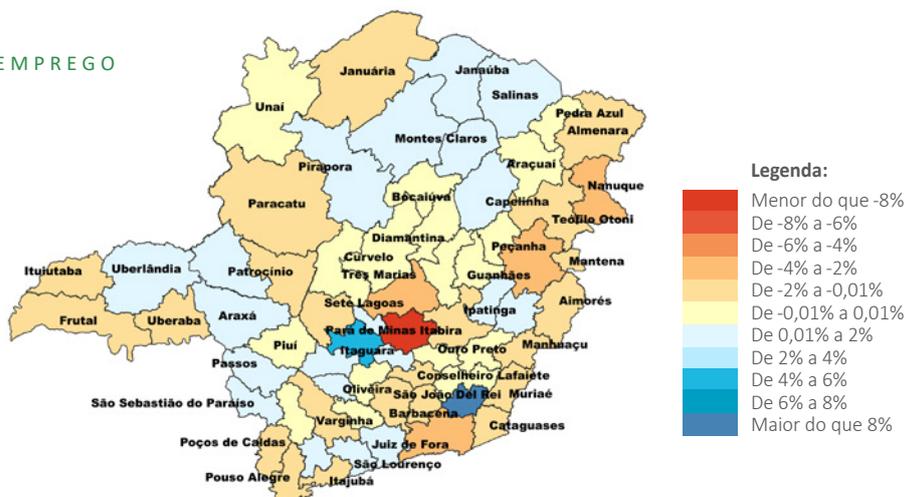
QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

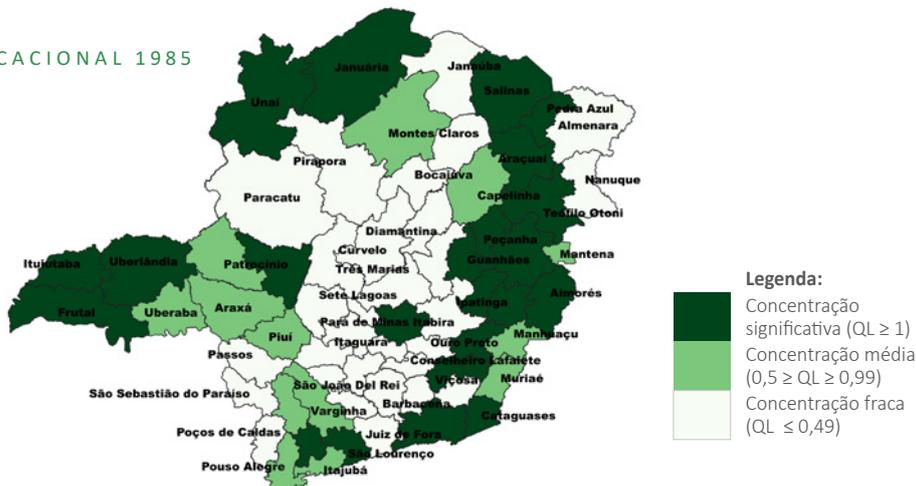


A indústria de madeira e mobiliário tem experimentado deslocamentos territoriais em Minas Gerais. As regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e do Sul perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade em direção às regiões do Vale do Jequitinhonha, do Vale do Rio Doce e do Vale do Mucuri. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Ubá (14,73% para 34,49%) e Divinópolis (2,36% para 6,38%), e as maiores perdas ocorreram nas microrregiões de Belo Horizonte (28,01% para 14,17%) e Nanuque (3,15% para 0,05%).

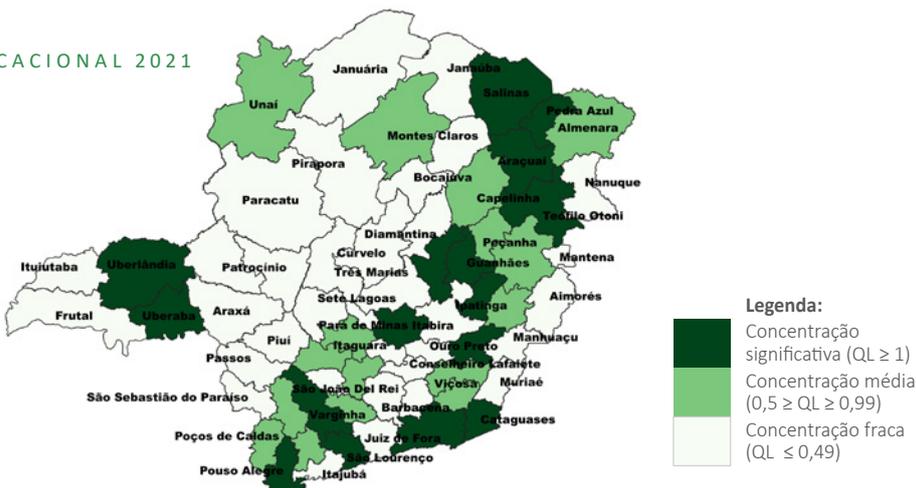
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### PAPEL E GRÁFICA

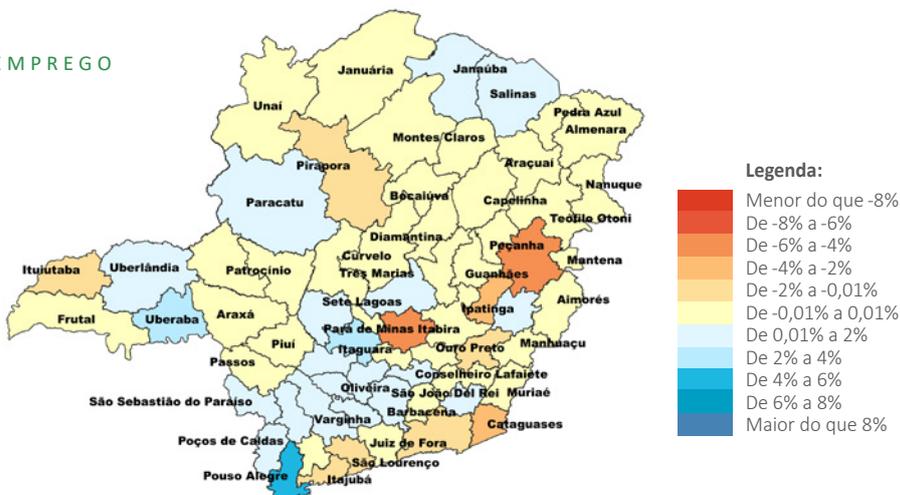
QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

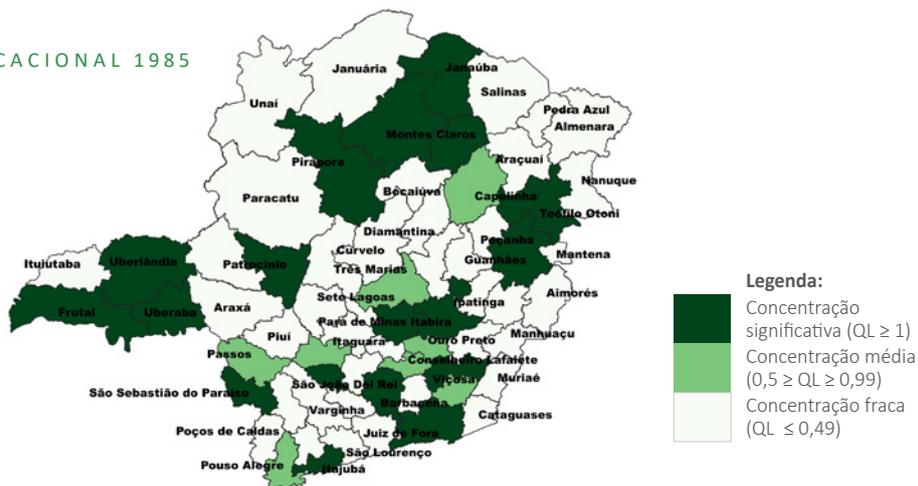


A indústria de papel e gráfica também tem se deslocado. As regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e do Norte perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade para as regiões do Jequitinhonha, do Vale do Mucuri e do Vale do Rio Doce. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Pouso Alegre (1,36% para 6,2%), Uberaba (1,68% para 5,46%) e Divinópolis (2,18% para 5,67%), e as maiores perdas foram nas microrregiões de Governador Valadares (5,03% para 0,45%), Belo Horizonte (37,46% para 32,93%), Cataguases (9,54% para 5,96%) e Ipatinga (8,45% para 5,19%).

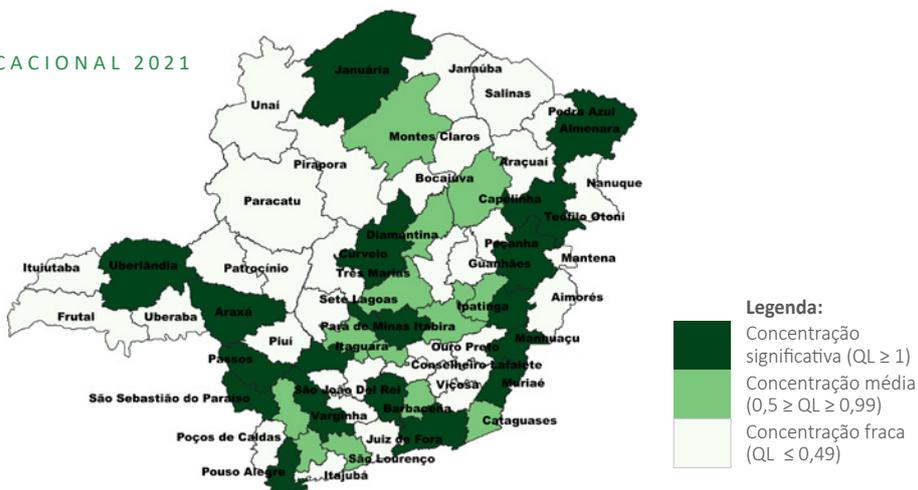
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### BORRACHA, FUMO, COURO

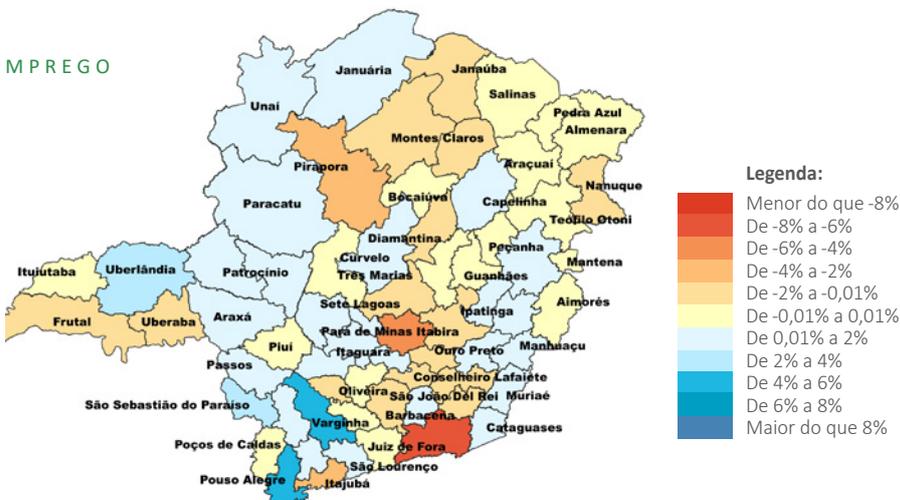
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

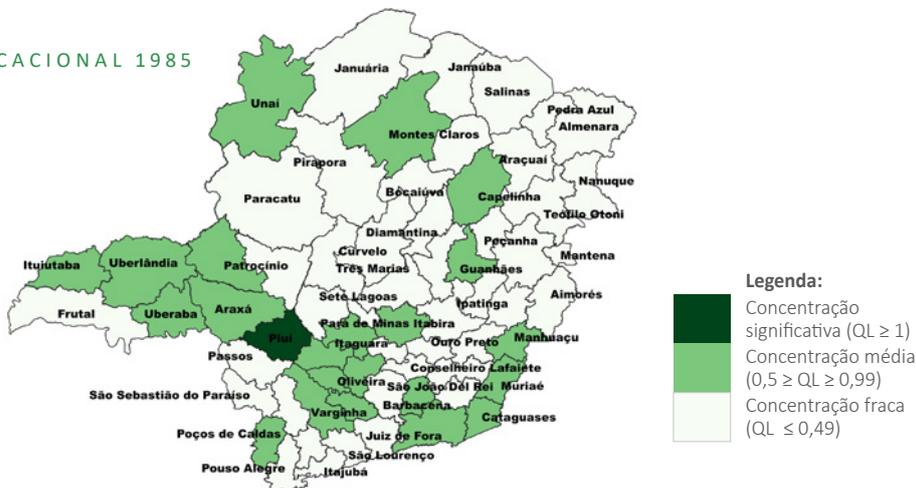


A indústria de borracha, fumo e couro tem se deslocado territorialmente em Minas Gerais. As regiões Norte e do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade para as regiões Sul, Zona da Mata e do eixo Muriaé-Almenara. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Varginha (0,58% para 5,99%) e Pouso Alegre (1,21% para 5,91%), e as maiores perdas ocorreram nas microrregiões de Juiz de Fora (12,62% para 4,85%), Belo Horizonte (36,9% para 32,2%) e Itajubá (4,47% para 0,64%).

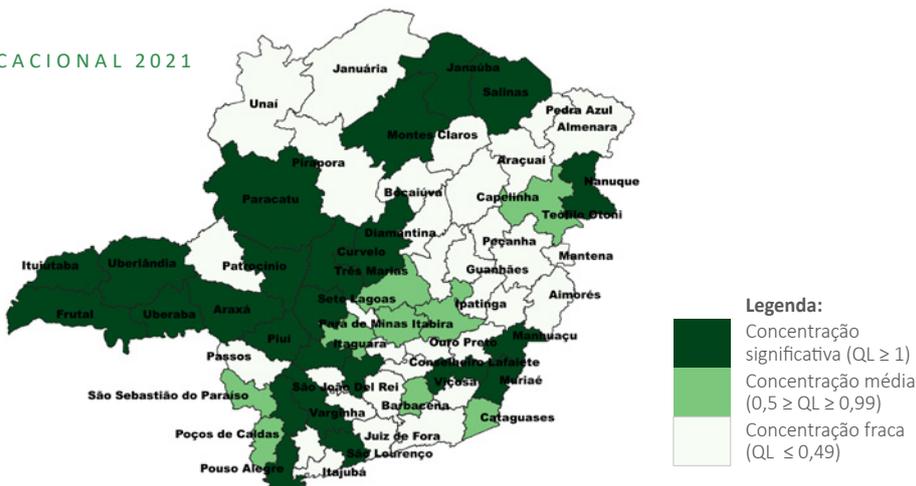
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### INDÚSTRIA QUÍMICA

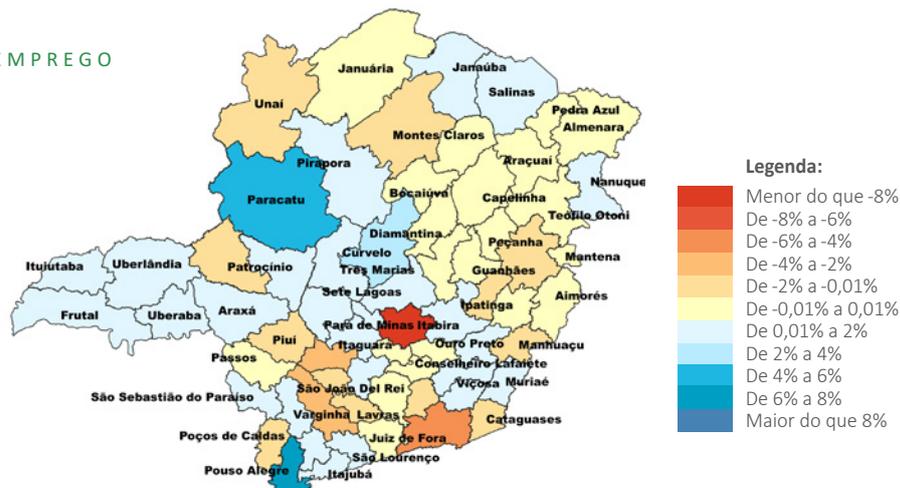
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

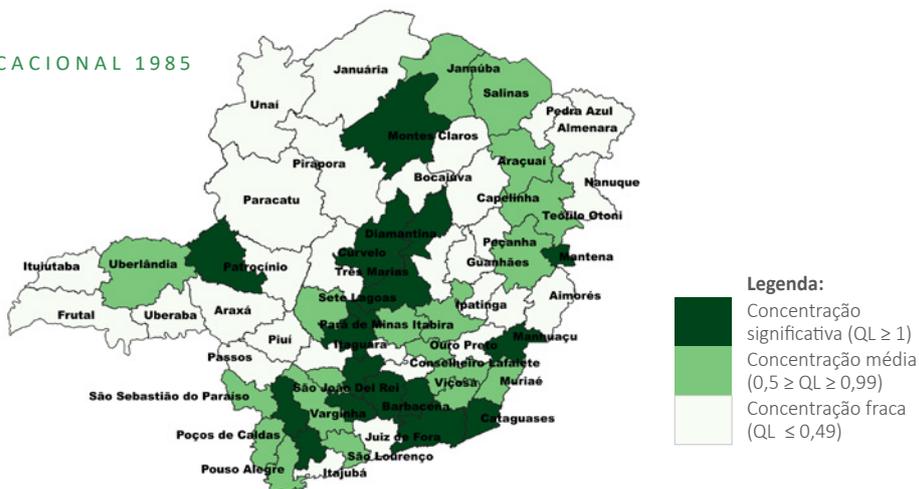


A indústria química também tem experimentado deslocamentos no estado. As regiões Metropolitana de Belo Horizonte e da Zona da Mata perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade para as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Noroeste, Central, Oeste e Sul. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Pouso Alegre (0,08% para 7%) e Paracatu (0% para 5,05%), e as maiores perdas ocorreram nas microrregiões de Belo Horizonte (42,18% para 23,37%) e Juiz de Fora (7,19% para 1,72%).

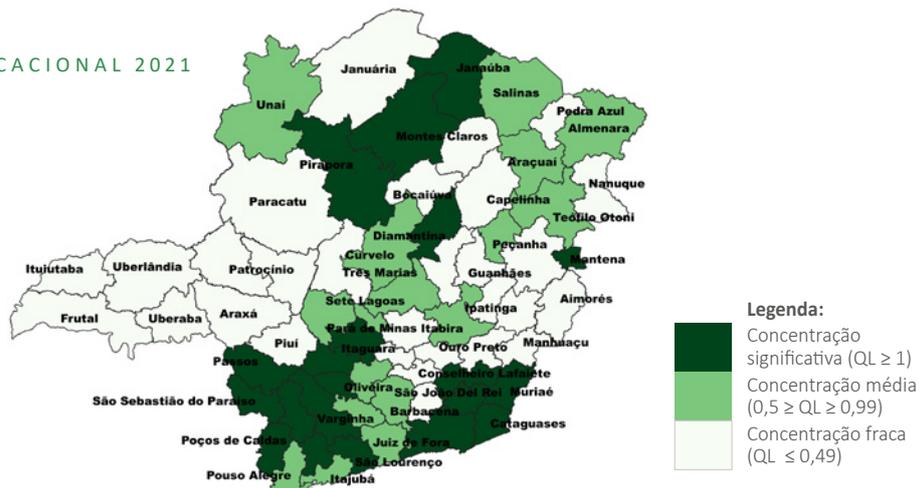
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### TÊXTIL

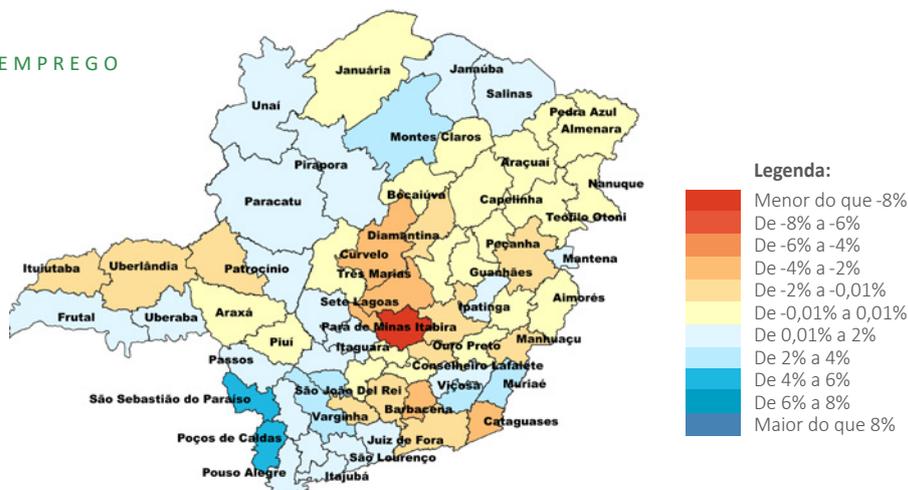
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

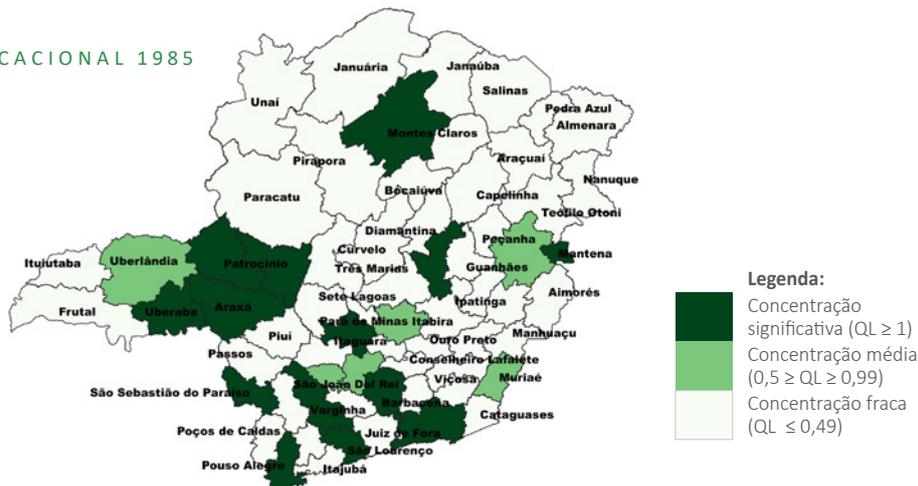


A indústria têxtil tem experimentado deslocamentos territoriais em Minas Gerais. As regiões do Triângulo e Alto Paranaíba, Central e Metropolitana de Belo Horizonte perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade para as regiões Sul e Norte. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Poços de Caldas (1,31% para 6,66%) e São Sebastião do Paraíso (0,65% para 5,67%). A maior perda de participação ocorreu na microrregião de Belo Horizonte (28,41% para 8,35%).

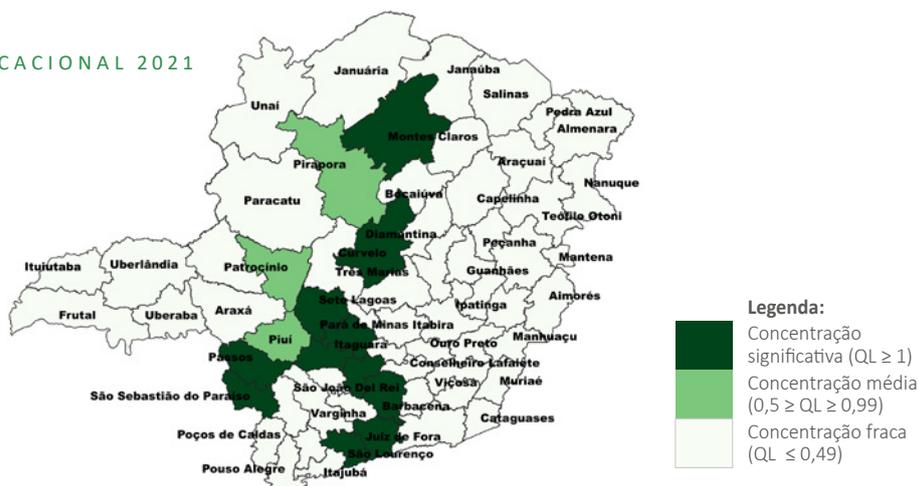
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### CALÇADOS

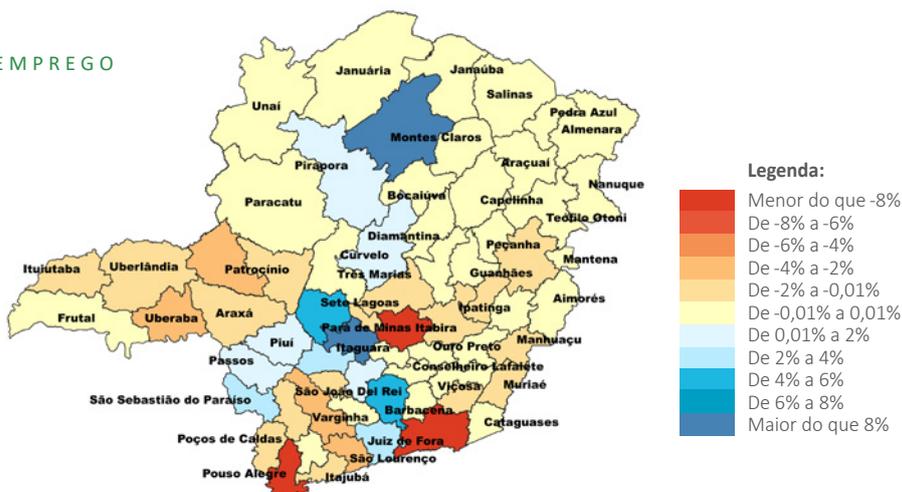
#### QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



#### QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



#### VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985

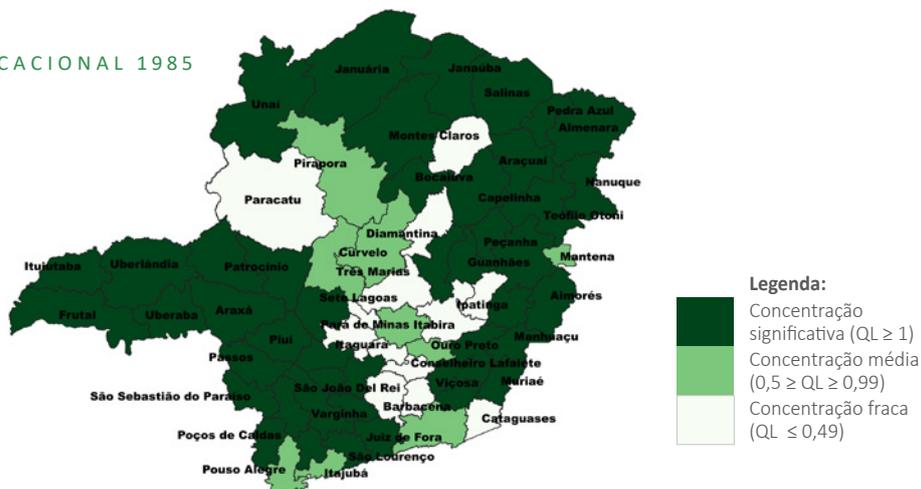


A indústria de calçados também tem se deslocado territorialmente no estado. As regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e da Zona da Mata perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade para as regiões do Campo das Vertentes, Oeste e Norte. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Divinópolis (10,63% para 52,61%) e Montes Claros (2,6% para 13,18%), e as maiores perdas foram nas microrregiões de Belo Horizonte (28,18% para 1,73%), Pouso Alegre (17,8% para 0,01%) e Juiz de Fora (12,53% para 0,23%).

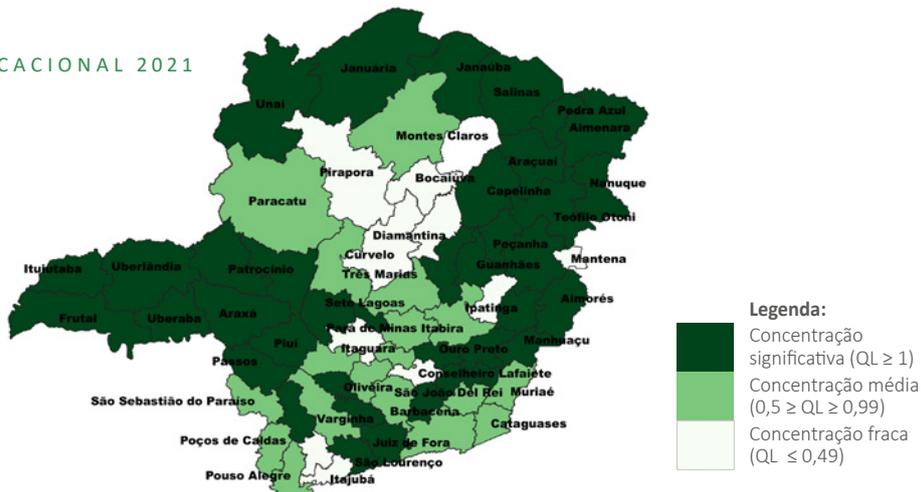
## ANÁLISE ESPACIAL DO SETOR INDUSTRIAL EM MINAS GERAIS POR MICRORREGIÕES

### ALIMENTOS E BEBIDAS

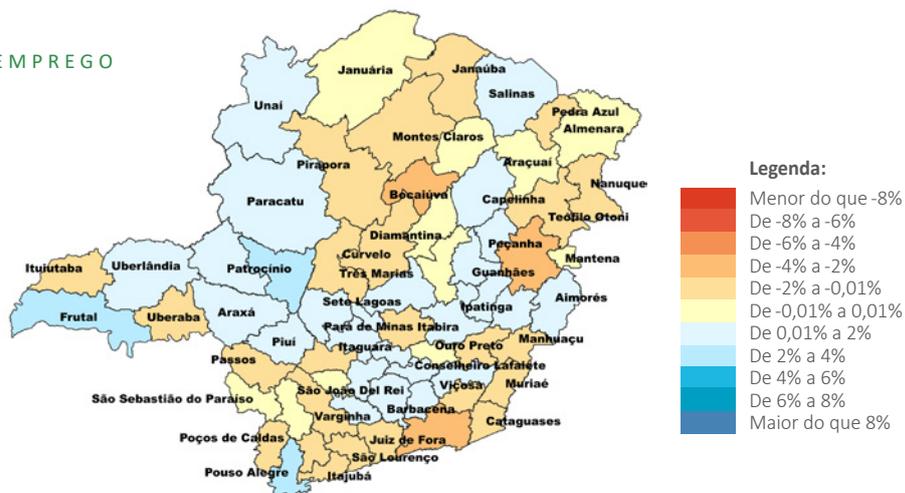
QUOCIENTE LOCACIONAL 1985



QUOCIENTE LOCACIONAL 2021



VARIAÇÃO NO EMPREGO 2021/1985



A indústria de alimentos e bebidas deslocou-se pouco no território de Minas Gerais. As regiões Sul e Central perderam especialização em relação à média estadual, verificando-se deslocamento dessa atividade em direção às regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Noroeste e Vale do Rio Doce. Os maiores ganhos de participação de emprego foram nas microrregiões de Frutal (1% para 3,97%) e Patos de Minas (0,66% para 2,98%), e as maiores perdas de participação ocorreram nas microrregiões de Belo Horizonte (21,38% para 19,54%) e Juiz de Fora (4,67% para 2,34%).

## Considerações finais

Ao examinar os desdobramentos setoriais, é possível delinear padrões de especialização e transformações na participação das microrregiões de Minas Gerais ao longo do tempo. A análise dos Quocientes Locacionais (QL) permite identificar as microrregiões com maior especialização setorial, enquanto a variação na participação evidencia as mudanças ocorridas ao longo dos anos.

De forma geral, entre 1985 e 2021, as microrregiões que mais perderam participação no emprego foram Belo Horizonte e Juiz de Fora. Já as microrregiões de Divinópolis, Pouso Alegre, São Sebastião do Paraíso, Santa Rita do Sapucaí e Ubá registraram os ganhos mais expressivos no emprego nos setores analisados.

Os resultados mostram a dinâmica da estrutura produtiva em Minas Gerais e ressaltam a importância de se analisar o padrão locacional das indústrias. Essa abordagem oferece uma compreensão mais profunda da distribuição de recursos, permitindo a formulação de decisões mais eficazes em termos de desenvolvimento regional e de políticas públicas.

## Referências

HADDAD, Paulo Roberto. (Org.) **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Banco do Nordeste do Brasil AS (BNB), Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE), 1989. (Estudos Econômicos e Sociais, 36).

PIFFER, Moacir. **A dinâmica do Oeste paranaense: sua inserção na economia nacional**. Curitiba: UFPR, 1997.

Relação Anual de Informações Sociais: RAIS. Brasília: MTE, 2023.

## FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO:

FIEMG

Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

PRESIDENTE:

Flávio Roscoe Nogueira

SUPERINTENDENTE DE DESENVOLVIMENTO  
DA INDÚSTRIA:

Érika Morreale Diniz

RESPONSABILIDADE TÉCNICA:

Gerência de Economia e Finanças Empresariais

GERENTE/ECONOMISTA-CHEFE:

João Gabriel Pio

COORDENADORA:

Daniela Araujo Costa Melo Muniz

ANALISTAS:

Aguinaldo de Lima Assunção

Amanda Fernandez de Moraes

Ana Guaraciaba Gontijo

Ellen Cristina Alves de Araújo

Geysa de Souza Silva

Juliana Moreira Gagliardi

Marcos Paulo Cardozo dos Santos Marçal

Mariana Rezende e Silva

Thiago de Assis Gonzaga

Walter Horta Motta Filho

*Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas a partir de dados públicos. Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no conteúdo deste material.*



FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

O futuro se faz juntos